

# BRASIL-PORTUGAL

1 DE ABRIL DE 1901

N.º 53



*Tipos de belleza*



# Política Internacional

24 de março de 1901.

Dorsem de uma interinidade de largos dias, em que se puzeram em jogo todas as influencias para que continuasse a frente da governação o partido conservador — primeiramente tentando a reconstrução do ministerio Ascarraça, e em seguida confiando ao presidente da camara dos deputados, Villaverde, a incumbencia de constituir gabinete — foi chamado ao poder o partido liberal. Sagasta, apesar dos seus setenta e quatro annos, não só não declinou a missão, que lhe confiou o Regente, mas segundo até se diz exigiu peremptoriamente, quando ainda se preparavam novas tentativas conservadoras, que os liberaes fosse dado o governo. Dada a situação periclitante da dynastia hespanhola, e ante o fundado receio de por uma recusa acintosa ver o partido mais avançado ir engrossar as fileiras dos republicanos, a rainha Christina accitou a indicação, e a estas horas é outra vez presidente do conselho de ministros D. Francisco Mateo Sagasta.

O que significa no momento actual a ascensão dos liberaes ao poder em Hespanha?

Um simples compasso d'espera, que em cousa alguma alterará a gravidade da situação. Quando muito, importará uma acalmção relativa dos espiritos e nada mais.

Nem o chefe do governo tem já o prestigio de que em outros tempos gozou, nem a composição do ministerio a que elle preside é de molde a fazer nutrir esperanças de que finalmente para a nação hespanhola va começar vida nova. Sobre Sagasta peza ainda a impopularidade da enorme catastrophe, em que sossobraram os ultimos restos do imperio colonial da Hespanha, e ao seu lado senta-se nos conselhos do governo, como ministro da guerra, o homem que maior responsabilidade tem no descalabro do poder castelhano em Cuba. Por outro lado a nomeação para a pasta da guerra de Weyler, capitão general de Madrid, sob o ministerio Ascarraça e a nomeação de Liliáres, ministro da guerra da situação anterior, para o cargo de capitão general de Madrid, provam bem que no fundo não ha grande differença entre o ministerio que saio e o que agora entra. Levantar-se-ha a questão de sitio, dar-se-ha uma apparencia de satisfação talvez na estada clerical, mas a *contradanza* dos generaes já d'antemão traçou os limites, além dos quaes não irão os decretos reformadores do presidente do conselho.

As causas da crise politica, que teve a solução que acabamos de contar, são de todos conhecidas — as remotas e as proximas. As primeiras são muito complexas, vem de longe e filiam-se principalmente no estado de cousas produzido pela malfeizada guerra com os Estados Unidos.

Já a ellas alludimos n'uma revista anterior. As segundas relacionam-se com o casamento da princeza das Asturias, filha mais velha da rainha regente, com D. Carlos de Bourbon, filho do conde de Caserta, o qual como se sabe é um carlista militante, que na ultima guerra civil pegou em armas não só contra a nação, mas contra a propria dynastia com a qual seu filho acaba de aliar-se.

Compreende-se que ante a possibilidade ou melhor a probabilidade de que D. Carlos possa um dia vir a occupar o throno, dada a precaria saude do rei Alfonso XIII, minal por doença incuravel, o partido liberal hespanhol e o povo em geral se tenham assustado. A nação pergunta, com effeito, para que servio todo o sangue derramado em tantas guerras civis provocadas pela desalmada ambição do pretendente, se amanhã subrepticiamente, sem combate e mesmo sem resistencia, um carlista pôde tornar-se rei de Hespanha, ficando assim inutilizados por uma monobria habilidosa da corte todos os sacrificios em prol da causa da liberdade? E não ha duvida de que este casamento obedeca a um fim exclusivamente dynastico, em opposição aos verdadeiros interesses nacionaes. A rainha regente quiz com esta alliança, patrocinada pelo Vaticano, defender o throno por um lado contra os republicanos, chamando em seu auxilio os reactionarios e os clericos; e pelo outro lado contra as investidas dos proprios carlistas, sobretudo do chamado Carlos VII, promovendo uma especie de tregua ou neutralidade da parte dos legitimistas, de certo modo agora interessados na conservação da actual dynastia, que qualquer dia pela simples evolução natural dos acontecimentos (a morte do rei, a que já alludimos) se pôde converter n'uma monarchia de direito divino.

Rasão tem pois a nação hespanhola para protestar ruidosamente contra semelhante eventualidade. Deve ninguem accentuar-se aqui sendo o conde de Caserta o pretendente bourbonico ao throno de Naples, o casamento de D. Carlos com a princeza das Asturias é mal visto no Quirinal, contribuindo necessariamente para o esfriamento de relações entre Roma e Madrid, que eventualidades futuras pôdem desagradavelmente accentuar.

E já que n'esta e na anterior revista nos occupámos da crise italiana e da crise hespanhola, seja nos licito dizer algumas palavras a respeito de uma terceira crise, não menos importante do que as duas a que acabamos de referir-nos, embora se manifeste por forma diversa.

Queremos falar da crise das instituições parlamentares, as quaes em tres paizes diversos receberam n'estes ultimos dias bem rudes golpes no seu prestigio. Primeiramente foi o parlamento inglez que, desejando impedir a continuação do obstruccionismo dos deputados irlandezes, teve que os expulsar á força, perante a recusa d'elles em obedecerem ás repetidas intimações do *Speaker*, assistindo-se por essa occasião á vergonhosissima scena, não vulgar em Westminster, da lucha corpo a corpo de alguns representantes da nação com os agentes da policia.

Em seguida ao parlamento inglez foi o *Reichsrath* austriaco, que mais uma vez veio dar perante a Europa o espectáculo triste e ridiculo ao mesmo tempo de um combate em fórma a socco e a murro entre os membros das diversas facções, que o constituem, sobretudo entre os das duas mais irreconciliaveis — tchecos e allemães.

Por ultimo foi a camara dos deputados franceza a escolhida para a renovação do espectáculo. O farioso deputado anti-semita Firmo Faure, depois de insultar da tribuna tudo e todos, chegando a apotrophar de carrasco o sr. Waldeck-Rousseau, recusou-se a obedecer ao sr. Deschanel, que com justo motivo o chamou á ordem, vendendo-se este obrigado a mandal-o sair da sala *manu militari* no meio de um medonho tumulto, em que sobressaham os *kurrahs* da direita e os apupos da esquerda ao desordeiro deputado.

Com graça e como justo comentario a estes successos, diz a *Sturday Evening* que é de crer que a tão edificantes scena tivessem assistido os embaixadores russos, para irem ensinar aos seus barbaros concidadãos o que é a polidez, para acem.

De todas as nações europeas é a Russia a que maiores progressos realisou no seculo findo. Progressos assombrosos, sobretudo se considerarmos que o imperio dos tzares é apenas um recémchegado á arena, onde os grandes interesses da civilização ha tanto tempo se digladiam, e onde já a quasi totalidade das nações do occidente tinha ganho as esporas de ouro em mil combates. Pois, não obstante esta circumstancia, que parecia dever collocar a situação de permanente inferioridade, a Russia conseguiu n'um seculo adiantar-se por tal fórma, que n'alguns casos chegou mesmo a ofuscar os que haviam sido os seus iniciadores. Basta que nos lembremos da evolução da sua litteratura a partir de Puchkin, isto é, ha pouco mais de sessenta annos. Onde, porém, os progressos da Russia excedem tudo quanto a imaginação mais exaltada possa fantasiar, é no que respeita á expansão territorial. Nem se pôde prevêêr o termo de semelhante crescimento. Para todos os lados e em todas as direcções o poder moscovita vae irradiando abrange. A sua ultima acquisição — pôde assim já considerar-se — abraça nem mais nem menos do que toda a Manchuria. Os alliados tentam impedir a consummação do facto. Accusam o governo do trar de faltar aos seus compromissos de respeitar a integridade da China. A imprensa, sobretudo a ingleza, faz notar com vehemencia a posição singular de Nicolau II, a defender em Pekin, juntamente com as outras grandes potencias, a unidade do Celeste imperio, emquanto que em Mukden está talhando para si uma vasta posta da terra dos mandarins.

Toda esta opposição, mais ou menos platonica, parece dever ficar sem resultado. Pelo menos em data de 1, 3 e 4 de março o correspondente do *Times* telegrapha a esta folha circumstanciados pormenores ácerca do texto do tratado Tseng-Alexieff, o qual n'uma das suas clausulas estabelece a criação de um terreno russo em Mukden. De todas as potencias a que parece seguir n'esta questão o caminho verdadeiramente pratico, é o Japão. Em vez de se limitar a protestar mais ou menos platonicamente contra as negociações russo chinezas, notificou oficialmente á China que, no caso de serem concedidas á Russia quaesquer vantagens commerciaes ou territoriaes, o governo do Mikado exigiria identicas vantagens.

Ao passo que a questão da Manchuria está n'este pd, um incidente grave acaba de surgir entre inglezes e russos em Tien-Tsin, a proposito da posse de uns terrenos da companhia dos caminhos de ferro. Por pouco que as tropas dos generaes Barrow (inglez) e Wogack (russo) não tem vindo ás mãos, havendo chegado, ao que parece, a dar-se um principio de collisão. A imprensa londrina mostra-se alarmada, pedindo que se resolve o conflicto sem abdicções para a Inglaterra, e recommenda firmeza ao governo.

Este conflicto é principalmente importante, porque vem demonstrar uma vez mais qual é o estado verdadeiro das relações anglo-russas no extremo-oriente. Por outro lado revela tambem a harmonia existente entre os alliados, que tomaram a seu cargo a pacificação da China.

E como a epoca é de conflicto, protestos e revoltas por toda a parte, dando a estes primeiros mezes do seculo xx uma physionomia tão perturbada, não queremos deixar a Russia, sem nos referirmos ao que n'este momento se está passando nos circulos escolares do imperio. E' o que faremos na proxima revista.

CONGLIERI PEDROSO.



# Saudades dos Açores

1

— «Commandante...»

— «Diga!»

— «A que horas poderemos nós desembarcar amanhã em São Miguel?»

— «Se Deus quiser, às sete.»

— «Se Deus quizesse... O Commandante era também aço-

riano. A bordo do Açor, nessa viagem de Agosto, eramos todos açorianos — tripulantes e passageiros. Foi o proprio Commandante quem deu por isso, uma vez ao almoço. Conhecia-nos a todos, de terra, ou de outras viagens; sabia de que ilha eramos e de quem eramos filhos. Tinha andado na escola com o pae d'este; andara embarcado para a America com o irmão d'aquelle; fôra grumete numa balieira do avô d'um outro.

Mas havia alguém, entre os poucos passageiros da terceira classe, que elle não conhecia. Era um homem velho, de barbas brancas e longas, que lhe caíam sobre o peito e se espalhavam ao vento, quando o viamos subir ao castelo da prôa, onde passava horas esquecidas, cruzando os braços e fitando o olhar na immensidade das aguas. Tinha esse velho em si alguma coisa de sonho e de fadigado, na belleza estranha das suas barbas e na recolhida imponencia das suas attitudes. Desde o primeiro dia de viagem, que elle despertara a nossa curiosidade, quando já de todo se desvanecera e fundira no azul da tarde a linha do Continente, e a vista começava a estar inquieta no isolamento infinito do céu e do mar.

Quando acabámos o almoço e subimos ao tombadilho, e fomos buscar as nossas cadeiras de vime para junto da pequenina sala do piano, onde as senhoras repousavam dos primeiros sobresaltos do enjôo, o Commandante mandou a um marinheiro que fôsse chamar á prôa o passageiro desconhecido, e na presença de nós todos o interrogou:

— «Vocemecê quem é?» perguntou o Commandante.

— «Manoel de Jesus, um seu creado...» respondia o velho, perfilado e de cabeça descoberta.

— «Tambem é dos Açores?»

— «Saiba Vossa Senhoria que não, mas é como se fôsse... Eu nasci brasileiro, mas vim cá para as ilhas muito novo, enfeitado por uns lindos olhos que nunca mais me deixaram, até ao dia em que eu mesmo lhes cerrei as palpebras, para que a terra, que havia de comê-los, os não comesse abertos e lindos como elles eram... Mas lá o ter nascido brasileiro não quer dizer que a minha terra não seja Santa Maria, pois sempre ouvi dizer que a terra que nos fez felizes é que é a nossa terra.»

— «E d'onde vem vocemecê?»

— «Saiba Vossa Senhoria que venho do Brasil. Ha quinze annos que tinha voltado para lá. Dois filhos que tive me morreram. Morreu-me a mulher. Não me ficava parente vivo, e eu mesmo nem sei como não morri de tristeza... Voltei então para o Brasil, por ser terra já conhecida, não em cata de sorte, nem de alegria, que já não podia, nem queria tê las, mas em busca do esquecimento... Agora, que

me sinto com os pés para a cova, e só a cova me resta, quero vêr se ainda tenho força de a abrir na terra onde tenho os filhos, e onde enterrei a mulher!»

Têm as ilhas dos Açores este condão: quem açoriano nasceu, açoriano morre; e quem, não sendo açoriano, alguma vez lá foi, taes laços de mysterioso affecto o cingem docemente, e tão docemente o prendem ao encanto d'aquellas terras, que a propria patria elle renega, e açoriano se torna.

Os poucos dias que durou essa viagem, e que a outros teriam talvez parecido interminaveis, foram para nós breves e amaveis. A marcha lenta do navio e as condições estreitas da accommodação a bordo, que causariam o enfado de quem houvesse viajado já nos grandes transatlanticos, eram compensadas, para nós, pela cordealidade e alegria das relações entre os passageiros e os tripulantes do Açor.

Desde o segundo dia já ninguém enjoava, o appetite mantinha-se numa excellente affinação, e a conversa só era

intercortada pelo tóque da sonora campainha que nos chamava para a meza, como se tocasse para uma festa.

Nos largos intervallos do almoço ao jantar e do jantar ao chá das oito horas, além de muita conversa, jogava-se, tocava-se piano e viola, adivinhavam-se charadas, enygmas e logogriphos — entretenimento dilecto das senhoras açorianas.

Um d'estes felizes companheiros de viagem era *Manoel Bem*, pseudonimo litterario de Moniz de Bettencourt, irmão do pae de Annibal de Bettencourt, o açoriano medico, o bacteriologista, successor bem digno de Camara Pestana na direcção do Instituto Bacteriologico de Lisboa. Grande alma de poeta, grande homem de bem, e grande cavaleador.

Ninguém sabe tanto como elle da historia dos Açores,

ninguém conhece melhor as tradições ilhóas, ninguem tem observado com maior perspicacia os tipos e os costumes do Archipelago. E de ninguem eu me lembro que pareça capaz, como elle é, de resumir em meia hora de cavaco, intenso e colorido, uma lição d'essa formosa historia, um estudo d'essas tradições, uma critica sempre jovial d'esses costumes, tão fartos, todos elles, de originalidade e pittoresco.

Amigo e jardineiro das musas açorianas — pois que até



O vapor AÇOR



Na ponte do vapor



de terem musas só suas. Os Açores se orgulham — *Mendo Bem* ora nos dizia versos que fizera, ora nos recitava outros poetas nossos, que folheava de memoria, como se os fosse seguindo em algum livro aberto.

Eram d'elle estas duas quadras, em que o poeta enamorado nos dizia o que teria feito se um feliz acaso o houvesse defrontado com a sua bem-amada, no momento em que ella se banhava, desprevidamente, no ribeiro que foge entre inhamas:

... Havia de cubri-la do manto de verdura,  
que espalha os verdes tons na agua da levada;  
e que tem essa cor, ora clara, ora escura,  
egual ás esmeraldas da minha doce amada.

Havia de dizer-lhe que á sua formosura,  
e ao corpo precioso de linhas divinas,  
la bem essa veste, tão setinosa e pura,  
cerizada pelas fadas na flor dos inhamas...

E os versos que não eram d'elle, eram de Anthero de Quental, de Theophilo Braga, de Manoel de Arriaga, de Garcia Monteiro, de Manoel d'Amaral, de Marianna Belmirra de Andrade.\*

Outro dos d'esse grupo era Thomaz Borba, terceirense e maestro, em pleno vigor da mocidade e do talento, que por esse tempo revelara toda a sua vocação de compositor, na *Missá* que d'elle se cantara em Lisboa, numa festa real dos Martyres, e que maravilhara um auditorio de entendedores e artistas, pela notável profusão de harmonias, pela unção religiosa, pela instrumentação moderna, wagneriana, verdadeiro inicio, em Portugal, do movimento tendente a fazer sair a musica sacra dos moldes antigos de Palestrina.

Thomaz Borba compozera essa *Missá* nos pedacinhos, nos poucos momentos que para descanso lhe deixavam o Conservatorio e o Curso Superior de Lettras, onde era alumno distincto entre os distinctos. Quando, uma bella manhã, de surpresa, os seus amigos mais intimos tiveram noticia do triumpho que elle acabava de obter, acharam-se deversos intrigados, por não ser facil imaginarem o esforço de vontade que teria sido preciso, para que o Thomaz realizasse obra de tão grande tomo, no resumido tempo que lhe sobejava das lições e do ensino.

Agora, emprendia elle um mais suave trabalho, mas a que tanto trazia preso o seu coração de açoriano como a sua sensibilidade de artista. Elle sabia que o povo, quando canta, revela na poesia toda a sua alma, tudo quanto pensa das leis da vida, do amor e da natureza. Elle sabia que a musica popular encerra todo o sentimento, todo o caracter, todo o gosto e toda a aptidão esthetica do povo.

Theophilo Braga dissera-lhe:

— «Nos cançoneiros populares, meu amigo, a poesia e o canto são inseparáveis. Assim nasceram no syncrétismo mental das raças, quer nas formas cultas das religiões, quer nas rhapsodias heroicas das narrativas epicas; poesia e musica são como a cor e o perfume da mesma flor. Pode essa flor ser adivinhada pelo perfume vago, e pode tambem ser representada pela cor do desenho; mas da sua união é que depende a vida.»

Theophilo recolhera nos *Cantos populares do Archipelago dos Açores* a letra d'essa poesia ingenua; Thomaz Borba procurava organizar a outra parte importante d'esse cançoneiro, fixando pelos caracteres musicas a melodia fugitiva, lapidando-a, dando ao canto, elemento vital da poesia popular, condição essencial da sua exacta intelligencia, toda a grandeza da sua simplicidade, e da sua espontaneidade, comprehendendo bem quanto convem a Portugal estes estudos, porque na decadencia que por toda a parte nos ameaça, a revivescencia do genio nacional depende, como

dizia Theophilo, da vitalidade da sua tradição. E agora, sentando-se ao piano, eternecia-nos com a musica de muitas das nossas cantigas e muitos dos nossos descantes.

Entre os companheiros contentes d'aquella feliz viagem, mais uma vez se afirmava a vigorosa confraternidade açoriana, essa boa communhão de idéas e de sentimentos, que é a voz do sangue circulando em corações que palpitam uniformemente. Eramos bem, nesse grupo alegre, os filhos da mesma mãe, nascidos em solo identico, com musculos de eguaes fibras, analogos costumes e commun historia, soffrendo todos do soffrimento de um só, todos gosando as mesmas alegrias, lutando todos contra elementos semelhantes.

Por esse tempo se realisava, entre as populações das diversas Ilhas do Archipelago, um symptomatico movimento de confraternização. Com o pretexto de uma festa popular, de uma grande romaria, de uma exposição districtal, estabelecera-se uma troca de visitas entre os açorianos de todos os Açores, estreitando-se de mais em mais as relações, constatando-se os mutuos progressos, estabelecendo-se, emfim, sobre uma solida base de sentimento, todo um amplo programma de independencia moral, economica, administrativa.

Assim ia a afirmar-se, numa boa e proficua realidade, a confraternização dos povos açorianos, que a intriga da metropole já não podia perturbar, que até então se conservava involvida numa modesta aspiração platonica, mas que das palavras e dos desejos passava agora a uma propaganda activa e bem encaminhada, para que do accordo resultante de mutuas transigencias, d'uma legislação administrativa homogenea abraçando todas as Ilhas, a todas applicada sem repugnancia, não escravizando umas ao proveito de outras, resultasse uma vida nova de descentralização.

Falava se muito do direito que os açorianos tinham á sua independencia, fundamentando-o em muitas razões de desproporcionalidade de garantias, da injustica e inconveniencia das leis, da ingratitude da metropole, da errada gerencia dos dinheiros publicos.

Na distribuição das garantias, o favoritismo era flagrante, concedendo-se ao Continente do reino todos os melhoramentos e regalias superfluos, e negando se aos Açores as de necessidade mais urgente, as estradas ordinarias, as docas, a melhoria das condições dos seus portos...

Atacando-nos em todos os direitos de liberdade e de propriedade, em favor gratuito do Continente, a ingratitude dos governos esquecia quantos assignalados serviços, quantos heroicos serviços a nação recebera dos povos açorianos, e opprimia-nos cada dia com novas leis vexatorias. As garantias da Constituição, que tanto sangue nos custara, tinham sido violadas com perfidia; a liberdade antepunha se a escravidão; ao direito da propriedade, a expolição; á equalidade perante a lei, a mais aviltante desproporção e parcialidade.

Por tudo isto, e por muito mais, nos sorriam as vantagens que resultariam da independencia das nossas Ilhas. E não eram poucos os estranhos que, tendo-nos visitado, admirado e estimado, advogavam perante as nações civilizadas o direito da nossa causa, quando os governos de Portugal mais nos escravizavam.

Na vespera do dia em que acabava a viagem para os que deviam ficar em São Miguel, houve um momento em que se sentiu exgotado o repertorio. Já não havia musica, já não havia versos, quasi não havia já motivos de conversa. Houve um bocejo. Foi neste momento que um de nós — o Julião de Medeiros, nosso intrepido piloto — se lembrou de que trazia a bordo alguma coisa capaz de despertar os animos até á hora regular de recolher ao belfiche, nessa ultima noite de mar alto. Houve curiosidade, todos o rodearam. Julião, com uma paciencia e um entusiasmo bem proprios de verdadeiro açoriano, chegara a reunir numa col-



Theophilo Braga



Thomaz Borba

\* Poetas açorianos.



lecção preciosa tudo quanto se conhecia publicado, e grande porção do que se suppunha inédito, que traduzisse alguma opinião insuspeita de estranhos acerca dos Açôres.

*Mendo Bem* foi, por unanimidade, investido no amavel encargo de lêr em voz alta, para que todos nós ouvíssemos, as paginas do curioso inquerito, e começou a leitura:

— «Estas Ilhas dos Açôres, dizia Boid, capitão de marinha em Portugal, no tempo do Senhor Dom Pedro IV — situadas como estão a meio do Oceano Atlantico, entre os continentes do antigo e novo mundo, e em linha recta de comunicação para todos os navios que se dirigem á Europa, não somente das duas Americas, mas de todas as possessões da India, da China, e seus mares adjacentes, se estivessem sob a influencia d'uma actividade commercial, uma prosperidade agricola, e uma geral industria, que naturalmente se levantam d'uma louvavel concorrência de genios e empresas, que se desenvolvem entre os habitantes de um estado livre, quam importantes não seriam ellas e inestimaveis os seus recursos! Ver-se-iam aproveitadas ainda as mais diminutas parcelas do seu consideravel territorio, para se gosar do seu delicioso clima e outras regalias que não se encontram em muitas outras nações; levantar-se-iam habitações e edificios sumptuosos a ornar este paiz; novos estabelecimentos, portos, docas, vias ferreas e até cidades, em pouco tempo converteriam estas Ilhas, hoje tão deploravelmente abandonadas, numa especie de eden, uma populosa scena de affluencia, de propriedade e de força; o mesmo commercio, auspicioso protector da riqueza das nações, ver-se-ia definitivamente plantar o seu estandarte nas praias açorianas, como em um dos grandes emporios do mundo!...»

Uma formidavel salva de palmas rompia d'entre o grupo, apoiando as palavras do illustre capitão Boid, que ha tantos annos já pensava aquillo mesmo, que todos nós pensavamos ainda, volvidos tantos annos...

*Mendo-Bem* voltava a folha, e continuava lendo:

— «As Ilhas dos Açôres, por sua situação distante dos continentes, e a melhor que se conhece para facilmente manter relações com todas as partes do mundo, podem viver tranquillas no seio da profunda paz, e ser independentes...»

— «Apoiado! Apoiado! E quem diz isso?»

— «Di-lo Mawe... Mas, accrescenta Thomaz Adison, a escravidão politica e moral, junta á arrogancia aristocratica d'um governo tyrannico e oppressivo, tornam estes Estados despresados e mui pouco conhecidos do resto do mundo...»

— «Viva a independencia dos Açôres!» gritava algum de nós numa explosão de entusiasmo de comicio. E os outros todos, reforçando, gritavam ainda mais, separando muito as syllabas:

— «Vi... va!»

Havia já uma certa difficuldade em restabelecer o silencio. Exaltavam-se os animos. Foi necessario requisitar a intervenção do Commandante para manter a ordem. Mas nem mesmo assim, ás primeiras, se voltou ao socego, e o Commandante ameaçou-nos então de que chamava a policia...

Era escusado, Commandante! Era escusado. Os ilhéos não precisam de policia para manter a ordem. Todo o ilhéo que se présa é o melhor policia de si mesmo. E não ha ilhéo que se não présa. Todos se calaram. *Mendo Bem* proseguiu:

— «Fala-nos agora Arthur Morenet, encostado á amurada do navio que o balouça nas aguas verdes dos mares açorianas, embeveido na contemplação amavel dos primeiros aspectos em que a terra das Ilhas se desdobra. A vista dilata-se pelos magnificos jardins que rodeiam as cidades, e se prolongam até ao declive longinquo das montanhas. A verdura dos campos de trigo, ou milho, prepara docemente as infinitas cambiantes do verde das laranjeiras, das faias e das urzes. Pequenas casas branqueiam na sombra vigorosa dos rochedos. Uma multidão de passaros celebra com seus canticos a abundancia, a paz, e a doçura inabalavel do clima. E os meus olhos abertos, emquanto a minha alma balouça neste sonho, depois de terem abraçado o aspecto das cidades, voltam a fitar-se ao largo, e repousam das alegrias d'essa festa na immensidade do Oceano...»

Descrevendo uma excursão ás Furnas e á Lagoa das Sete Cidades, maravilhado, Conyberac exprimia assim o seu pasmo:

— «Chegados ás cumiadas, a vista da lagôa, mil pés abaixo de nós, dominada por precipicios e cratêras, assombrou-nos. Logo cri que nos achavamos defrontando o exemplo mais magestoso dos effeitos da força vulcanica. E emquanto julgava adivinhar as energias aterradoras da natureza, de que aquelle logar havia sido testemunha, gosava com infinita doçura a sensação do repouso de agora, que me segregavam ás calmas e ridentes habitações da margem, nos campos ricos de cultura, nas faldas dos vulcões adormecidos, recobertas de arbustos verdejantes!»

Tinham dado oito horas, e ninguem se lembrava do chá. A's oito horas e meia, veiu um criado dizer-nos que o chá arrefecia. Todos nós eramos doidos por chá, do muito que nos Açores a gente se habitua a tomar chá em creança, e se o chá, para nos saber bem, não quer que o bebamos a escalear os beicos, não nos aconselha tambem a que o bebamos morno. Não muito quente, mas quente.

E levantou-se a sessão:

— «Boa noite, Commandante...»

— «...Muito boa noite!»

Março, 1901

ALFREDO MESQUITA.



## SONETO PARA OS QUE NÃO SABEM VER

Branços, murcham os lyrios sobre a haste  
Se lhes tocar a fimbria do vestido;  
E treme um arripio surprehendido  
Sobre as pedras do chão que tu pisaste.

E o céo, em frente ao teu olhar erguido,  
Solução de saber que tu o olhaste.  
O Sol não pára, porque não paraste;  
O Tempo corre, por não ter ouvido.

Mas essa gente que nos cerca e passa,  
Que em ti não vê senão a tua graça  
E, pela fórma, julga-te Mulher,

— Que arranque os olhos que não veem nada  
Que esmague o craneo contra uma calçada,  
Já que não sabe nem ouvir nem vêr!

SILVIO REBELLO.

## O COVEIRO

Elle entrou cabisbaixo e silencioso  
Na immunda tasca, e foi sentar-se a um canto;  
Deram-lhe vinho, recusou, o espanto  
Creceu no olhar do taberneiro oleoso;

Esse era o mais antigo e o mais ruidoso  
Dos freguezes da casa: ao obsceno canto  
Ninguem prestava mais lascivo encanto  
Ao som maguado de um violão choroso.

Mas o velho sentára-se distante  
Da velha turba a vista lacrymante  
Mergulhada nas chammas do brazido...

Disse um da roda: «espanta-me o coveiro!»  
— Morreu-lhe ha pouco a filha... — distraído  
Volveu da bisca um contumaz parceiro.

GENÁLVES CRESPO.



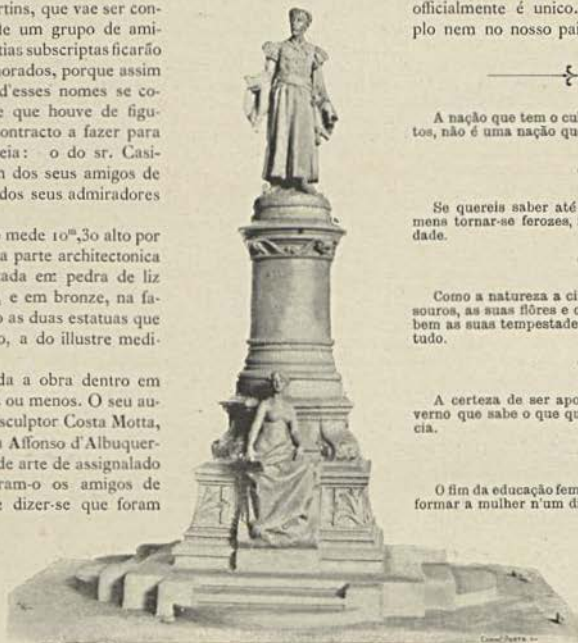
# O novo monumento a Souza Martins

É ESTE o novo monumento ao dr. José Thomaz de Souza Martins, que vai ser construído por iniciativa de um grupo de amigos, cujos nomes e quantias subscriptas ficarão para todo o sempre ignorados, porque assim o resolveram. Só um d'esses nomes se conhece pela necessidade que houve de figurar uma entidade no contracto a fazer para pôr em execução a ideia: o do sr. Casimiro José de Lima, um dos seus amigos de mais longa data e um dos seus admiradores mais entusiastas.

O novo monumento mede 10<sup>m</sup>,30 alto por 6<sup>m</sup>,80 de largo, e toda a parte architectonica e ornamental é executada em pedra de liz de primeira qualidade, e em bronze, na fabrica de canhões, sendo as duas estatuas que figuram no monumento, a do illustre medico, e a da sciencia.

Deve ficar terminada a obra dentro em dois annos, pouco mais ou menos. O seu auctor é o distinctissimo escultor Costa Motta, auctor do monumento a Afonso d'Albuquerque e de outras obras de arte de assignalado merecimento. Escolheram-o os amigos de Souza Martins e pôde dizer-se que foram felizes na escolha porque o projecto, como veem, é elegante, bem lançado, e tem arte.

O caso da sub-



stituição de um monumento já inaugurado oficialmente é unico. Não ha outro exemplo nem no nosso paiz nem no estrangeiro.

A nação que tem o culto dos seus grandes mortos, não é uma nação que se resigna a morrer.

ALFREDO RAMBAUD.

Se quereis saber até que ponto podem os homens tornar-se ferozes, tentae dizer-lhes a verdade.

EMILIO FERTICH.

Como a natureza a civilisação tem os seus thesouros, as suas flores e os seus fructos; tem tambem as suas tempestades que, n'um dia, destroem tudo.

A certeza de ser apoiado em tudo por um governo que sabe o que quer, é a força da diplomacia.

RATHAN.

O fim da educação feminina não deve ser o transformar a mulher n'um dicionario.

JOHN RUSKIN.

As grandes concessões nunca fazem esquecer as pequenas recusas.

## ANTHERO DE ARAUJO

Como os leitores do *Brasil-Portugal* sabem pelas desenvoltas noticias que temos publicado nas paginas supplementares, formou-se na cidade do Porto uma grande commissão encarregada de apresentar a Sua Magestade El-Rei uma representação em que os liberais d'aquella cidade protestassem contra o desenvolvimento e imprudencia que estavam tomando em Portugal as congregações religiosas, e apresentassem exemplos e citassem factos demonstrando quanto era não só illegal, mas muito prejudicial para o paiz, a existencia d'essas congregações.

Essa representação diversa bem escripta, clara e verdadeira, foi lida ao soberano pelo sr. Anthero de Araujo, Vice-presidente da grande commissão, por não ter vindo a Lisboa, por motivo de doença, o presidente sr. Costa e Almeida, chefe do partido progressista do Porto e antigo governador civil.

O sr. Anthero de Araujo, de quem publicamos o retrato, é um dos homens mais estimados e bemquistos na capital do norte. Admirado pelos seus dotes de intelligencia, respeitado pela dignidade do seu caracter, estimado pela sua affabilidade, o sr. Anthero de Araujo era bem um dos homens que estava indicado para tomar parte preponderante n'um movimento que, dentro da legalidade, representava o protesto contra a influencia deletoria dos que viviam fora d'ella.

A resposta que El-Rei deu á representação que lhe foi lida mostrou bem a importancia que o soberano tinha e a attenção cuidadosa e intelligente que o soberano guardava a todos que, usando de um direito consedido pela Carta Constitucional, vão respectivamente manifestar-se sobre qualquer assumpto que interesse ao paiz.



## Amor. Poder Supremo

A mão d'esse invisivel architecto,  
Que aos olhos da alma, a filha dos amores,  
Expôz, por entre multiplos fulgores,  
Por facho o sol e o azul dos ceus por tecto;

Que deu para alimento d'um insecto,  
Cujas azas tingiu de varias côres,  
O nectar suavissimo das flores,  
Em torno ás quaes subtil volteia inquieto;

A fim de nos mostrar quanto profundo  
O seu amor por nós não vinha a ser,  
Quão grande o seu prodigio: n'um segundo,

Juntou, para depois nos offerecer,  
Quanto de bello havia pelo mundo,  
E compôz-nos o rosto da mulher!

MANUEL D'ARRIAGA.





PEIXEIRAS — Desenho de Alfredo Moraes





# Caras e aqua pressa

IV

28 de Março.

Excelente Prima!

A hora de maior vida em certas ruas de Lisboa, é a que vai do cair da tarde ao acender dos candieiros. Feita d'uma multidão d'encontros, dá á cidade um grande ar de capital estrangeira acostumada a populações fluctuantes.

Vem d'ali a costureira, esgoviada e magra, de lenço de malha cingido ao cranio e capinha a esconder sobre os hombros; d'aqui, e senhalor de tal, muito elegante e lírio, sonhando com um lindo pedaço d'amor que terá á sentar feiras; d'alem, seu salvanço, peneirando muito os quadris, atocvellando toda á turba, alguma mouteira celebre... gente que passa, gente que ri; mulheres que berram a historia d'aquelle dia; familias que param ás montras com meninos malreçados que tado pedem... Um inferno!

Não é hora boa para tristes, nem para poetas. E' um grande momento para os despreocupados e para os felizes que sabem rir, que podem rir...

Ora eu, artista d'hontem, estava n'esses casos.

Havia no céu dois lindos tons, um d'azul muito pallido e outro de violetas de Parma, e de quando em quando, uma estrelinha accendia-se a tremor. Pelos grandes quarteirões do Rocio, pesados e sujos, começavam a rasgar-se em luz dos quadrangulos das janellas e das portas saia a manchar o betume dos passeios um clarão branco e intenso. Os candieiros da praça iam, a pouco e pouco, illuminando se e por entre as arvores davam á cidade um certo ar allentado e doçote, e desenhavam no chão, em sombras moveiças, um arrendido caprichoso de folhas e de ramos.

Fui andando, andando... Uma rua comprida, um grande largo, outra rua comprida... E n'este passeio ao acaso, encontrei a historia verdadeira, que não resisto a mandar-lhe, e que bem poderia intitular-se — «A historia d'um atrevimento ou Tribulações d'um Anjo» — se precisasse de epigrapha para um certo allentado e doçote, e desenhavam no chão, em sombras moveiças, um arrendido caprichoso de folhas e de ramos.

... A casa d'esses era all a metade d'aquelle rua apertada e suja, especie de anastomose entre dois largos, com uma casaria de gema no um bordo, um toldo de cor esmorecido lá ao alto, uma fileira de predios antigos e monotonos no outro bordo e calhas d'americano pelo meio, onde invariavelmente se estendia a linha interminavel de carros e carroças, aos saltos, em trepidações, arrancadas aos puxos por um gado pelle-e-osso, miseravel.

Ao chegar d'um predio no cotovello d'uma esquina, feava a porta, batinha e disfarçada, por onde entravam os envergonhados. Tinha dois «tapa-olhos», dois batentes de madeira velha e escura, d'onde saia um cheiro arde, nauseante, gorduroso de banha, petroleo e alho, tudo junto. A essa porta vinha assomar-se nos intervallos da cofeção dos guizados da cachola, o coelhinho, — figura chapada de gallego boçal, com o avental pingão e a palpeira pesada sobre o olho matreiro. E all se quedava até que o moço de serviço, escondo as pigras nos tamanhos acalanhados, lhe bradava n'um berro saltante como uma mola d'aço: — Venham mais duas com ellas!

Acafoando, o mestre espertava a fomalha, atirava dois carbões ao lume e mettia a caçarola ao braseiro, com mau modo, n'um empurrão, estornando a banha que, incendiando se, lambia a chaminé n'uma labareda enorme. Depois, puxava com a tenaz alguma brasa de sobre a cruzeta, avizava-lhe bem sobre a ignição e levava-a n'um fazeado eremitante a acender a ponta d'um cigarro, muito chapada, muito aleijada, quasi a cair-lhe da beicola curvada.

N'uma das bauecas, chamadas gabinetes, com um farrapo de chita á porta servindo de cortinado, em volta d'uma grande mesa pesada e grosseira sentavam-se as personagens d'esta verdadeira narrativa.

Eravam seis, em bancos de pinho agarrados no tabique, á luz baça e mortifica d'um candieiro, acervadas sobre a toalha malhada de nodosos como a pelle d'um tigre.

Dois mulheres, — uma, velha, gordanchuda, com refregos nas bochechas luzidas, a sobranceira acavallando o nariz, um bege em arco debruando o labio sensual, de lenço de malha e calho alvadio; a outra, moça ainda, com duas azas de cabello cordeadas sobre as fontes, a cara pallida, o nariz tragico, comprido, agudo como um bico, a booca exangue tombada nas commissuras e um olhar desolado e inexpressivo no fundo da orbita roxeada e olheirada. Tinha um lenço de novo, vestido e ramagens escoregado pela nuca com as pontas em nó largo sobre a covã do pescoco, e logo por baixo do lenço, no peitillo branco do corpete um coração d'oiro e coralina e um azeviche, presos d'um grilhão. Na frente, n'estes typos vulgares d'operario, de fago negro lustroso como vidro de garrafa, uma gravata de montra vermelha e verde, e um ar de cansaço, d'effatamento, na face acaveirada. Dois pequenos, — um, escurando, com uma carinha de velho e um olhito cubicos á epreita d'um desceido, d'uma partida a fazer, — o outro, mais novo, vestido d'anjo de procição. Na beira da mesa, perto da porta, um fadista com os cotovellos estendidos, braços abertos em azas e um grande chapéo d'aba direita como um respelador, no alto da cabeça, as melenas tapan-do-lhe a testa, o nariz a toear no prato e um copo de melo litro ao lado.

Este figurão não fazia parte da sociedade do anjo; tinha vindo pôr-se ali, um pouco gingão d'hombros, rosando um «ora vivam!» e, com olladellas fatazes para a mulher do operario e um risinho de escarneo para o frangalho do homem. E quando o moço lhe pozera na frente a laca encarquilhada e negra e a zurrapa do tinto carregado, elle sem se virar, cerrando um pouco os olhos, berrou-lhe:

— O' coiso! traze lá meia froinha!

Era o páo.

Esquecera-me dizer-lhe: tinha havido procição, n'aquelle tarde. As ruas com aspecto curioso e característico, apinhadas de povo, com damas apertadas nas varandas das janellas e pregões estridentes de tremoço saio, limpavam-se quando lá ao principio assomavam as guardas municipais a cavallo, arrastando como uma vassoura aquella onda de gente. Depois, apparecia o guilo e começavam a desfilar irmandades muito tristes, muito estafadas, com as tochas apagadas á luz de vassoura, amparando á marcha. Depois, entre um par d'irmãos e soldados d'uniformes reluzentes, vinham os anjos, balaçoando as azas d'algoído e atirando os pés com grande firmeza e grande convicção na importancia dos ergos.

Um andar, com um santo trémulo, avança magestoso ao bater compassado das viras dos descanços. Atraz do santo, um grupo de mulheres, apertado e aos empurros, pizando-se umas ás outras, com pitado de certos das promessas. Depois, mais irmãos, depois, o pallio em fumaradas d'incenso, — e quando elle passa ha um frémito de reza e um ajoellar á pressa, — depois, a musica em lamentos, n'uma marcha lenta e desolada com pios de clarinete e espiritos nos pratos. Por fim, a guarda d'honra, ondoando as cabeças, e o povo todo vomitado dos passeios, n'uma barulheira infernal, ás joelhadas, ás cotovelladas, premindo, impellido, apertado, como se fosse elle o corpo d'embolo formidavel que atirasse aquilo tudo para diante.

Aquelle anjinho, tinham-no trazido a jantar ás iseas.

Era um pobre anjinho, escrofuloso e definhado, que mettido n'aquelle cabelleira de sacarállas e caracões, lembrava de repente algum d'esses cásinhos felpidos e frizados que as senhoras d'alta roda costumam trazer anichados aos pés, no tapete macio das carruagens. Comia como os homocens de branco, iseava, sem a menor preocupação da querida prima, (suas batatas), tudo elle embutia á pressa, sem voracidade, com gulodice. Estava todo lambuzado, com molho a luzir na ponta do nariz e dois arcsos de vinho sobre as maciças do rosto, da bórda suja do copo onde quasi mettia a cabeça quando bebia.

Estava a familia rindo com a garganteio do petiz, quando o anjinho impando de comida, gemeu que lhe doiam os pés. A avó foi logo cuidadosa a descalçá-lo e quando já collocara uma das botas rós sobre a mecha, se curvava a tirar-lhe a outra, suspendeu-se ao ouvir um grito da mãe.

Que foi? que não foi?... tinha sido o faia a adiantar-se com a mulher do operario, assim que o topára distraído. E ella ainda a explicar:

— Foi este atrevido...

Mas já o marido se levantára livido e sinistro. Os beijos tremiam-lhe, os olhos fazeicavam e as narinas muito dilatadas pareciam sverer o ar todo.

Então o fadista, mettendo a mão ao bolso, fez-se de admirado...

— Ah! o cavalleiro pertence!...

Houve um pequenino silencio.

O garfão marreeca aproveitando-o, metteu a mão no prato do pae e furtivo-lhe uma batata, esguelhando os olhos não o fossem ver... E a avó começou um — seneta-te, homem! — conciliador, quando o operario resolegava e distendendo o braço, desfuz n'um grande murro no cabeço do outro. O fadista revirouteou por cima do banco e foi cair no chão, arrastando a toalha. Sentiu-se um rebolico de lorta partida, de gritos de mulheres, de choro do anjinho...

N'um salto, esguerrando-se, o fadista poz-se de pé e saiu fóra da baideia. O operario seguiu-o, rangendo os dentes, de garrafa em punho. Mas o outro dançava-lhe na frente, toureava-o, fugia-lhe com o corpo, preparava-lhe rasteiras, pulava como um macaco. Por duas vezes o operario foi no chão e para logo, se erguia, fuz, escurando raiva, epileptico, furioso. A gente da taverna accendia á desordem, mas o faia agil, escoregado, colleante, agarrára d'um banco e apagára a luz. E então, é que foi dar e levar, ao acaso, ás egeas, ao calhar. O moço veio para a rua apitar desesperadamente. Mas a meio (nem elle o sabe dizer como o apito foi-lhe mettido pela booca adentro com um sócco...

Entretanto a casa encheu-se de policia e de povoão. Havia feridos: o operario tinha uma brecha na testa, o fato todo em farrapos. O faia, esse, escurou-se...

E foi n'este momento que em cheguei, e vi o preso, pendurado de polleias, coberto de sangue, ser levado de roldas, em charola, para a esquerda, seguido das mulheres chorando e do anjinho a coxear, com a bota n'um pé e o outro descalço, berrando atraz da avó:

— Tira-me a bota! tira-me a bota!

Ah! no dia primeiro, a que os tempos chegamos que nem já os Anjos do Senhor estão livres d'uma desconsideração d'esta ordem? Sinto-me derramado em lagrimas cá por dentro, e é n'esta tristeza d'alma que lhe peço licença, querida prima, para a abraçar cheio de saudades...



# O abandono do moinho (1)



ALBERTO BRAGA

leigo da fornada. Vinha ainda a gritar:

— Despacha-te, rapariga. Mexe-te, filha.

E atirou com o folle para cima da besta. A moça veio depois, e carregou-a com um folle do outro lado. Atiraram-lhe em seguida a cilha para cima; e o moleiro, com o joelho fincado na barriga do macho, principiou a apertar a carga, torcendo o arrocho com esforço.

— Prompto! Põe-te já a caminho, que eu não me dilato, Therezinha.

Apenas se julgou fóra do alcance da vista do pae, que se deixou ficar á porta, com uma perna cruzada sobre a outra, o chapéu bragues derrubado para os olhos, e o joelho fincado na barriga do macho, agitei-se no meio dos trabalhos, e continuou pelo atalho acima, a cantar:

AO PASSAR HOJE NO RIO  
VI NAS AGUAS O TEU ROSTO;  
CUIDEI QUE LAS NA LEVADA...  
AII! CORAÇÃO, QUE DEGOSTO!

E AO VER O TEU ROSTO AII!  
(O que são coisas do mundo!)  
CUIDEI LOÇO QUE UMA ESTRELLA  
TIVESSE CAÍDO AO FUNDO.

O moleiro voltou para dentro, a provar a moega de grão; enfiou depois a jaqueta de cutim axadrezado, calçou os sapatos ferrados, que tinha a um canto, fechou por fóra a porta da azenha, arrecadou a chave, e abalou na piugada da filha.

Assim que chegou a meio do atalho, cortou á esquerda por uma quebra pedregosa, atravessou por um carreiro, que costava uma bouca; e, fincando as mãos no muro toco de rebos, saltou de um pulo para o meio da estrada.

Corriam os primeiros dias de março.

Como tinha descampado havia pouco tempo, os caminhos estavam lamaçentos, sulcados pelas rodas dos carros; e nas terras baixas viam-se ainda as águas da chuva empoçadas e cobertas de limo. O céu era de um azul crystallino, a atmosphera muito limpidia; e, ao meio-dia, quando o sol caia de alto nos prados, até parece que as roxas previncas, as flores amarellas do trevo e as margaridas retrabalham as corolias ao peso abafado do calor! Nos ramos folhados dos carvalhos e dos pecegueiros, que já floresciam, os melros assoviavam alegres, e no fundo azul do firmamento destacavam-se duas borboletas brancas que voavam de entre os silvados, subindo, subindo sempre, a tremor, n'um raio de sol dourado! Oh! era encantador!

O moleiro, apenas escalou o muro toco da bouca, parou um instante, collocando a mão sobre os olhos, como uma pala, para ver se lorigrava a filha. A distancia de trinta metros a estrada voltava para a direita. Uma copada dezeita de sobrieiros, ao fundo, não o deixava enxergar para alem. Por isso, foi continuando por ali fóra, apertando mais o passo, com os braços bambolentes e a esbofatar de calor.

De um lado e do outro, nos campos, fazia-se a lavoura. Duas juntas de bois castanhos, agulhoados pelo lavrador, tiravam lentamente o arado, que la levantando e revolvendo a leiva. A quem e alem, no declive do monte, de entre a verdura tenra da enfeita, alvejavam as frontarias caídas de alguns casealões, batidos do sol do meio dia. Era um calor de rachar!

De um atalho que ia dar á egreja, surgiu o sr. abade montado na sua egua, oh! uma boa egua de abade, gorda, pacifica e mansa que nem uma ovelha. Sua reverencia vinha abrigado por um enorme guarda-sol de panninho azul, e o seu ventre redondo e farto oscillava pachorrosamente ao chouto pesado da cavalgada.

— O José moleiro, — chamou elle com voz de papp. — Eh! homem! Tu vas á cata dos francezes?

O moleiro descobriu-se respeitosa e, enxugando o suor da testa á manga da vestia, respondeu-lhe:

— You ver se topo a minha Thereza, que foi levar a fornada da outra banda, a casa da morgada.

O abade, do alto da egua, continuou:

— Vi-a hontem; e oíha que está féra e bonita.

— Escorretinha é ella, graças a Deus! — disse o José, seguindo ao lado o passo da cavalgada.

— E é moça de tino, — proseguiu o padre circumspectamente, — mas tem-me cuidado n'ella, que oíha o demo, José, quando as armas, escolhe sempre do lado do macho, ou do da morgada.

Mais adiante, ao passarem por um queincho, a cujo muro estava debruçada uma rapariga esgueledhada, com os braços pendentes para fóra, perguntou-lhe o abade:

— Que é de teu pae, ó chachopa?

— Está a trabalhar nas obras do rio, sr. abade, — respondeu ella, córando.

O abade esperou a egua, e disse para si: — Elle é bem melhor ganhar o pão ao pé da porta, lá isso não tem duvida.

— Pois quant'él! — concordou o moleiro, acenando affirmativamente com a cabeça.

E continuaram ambos pela estrada, até uma cangosta, por onde o abade meteu, deixando só o José moleiro.

O caminho agora desce até ao rio, onde andavam as obras da ponte nova. Já de longe se avistavam os trabalhadores.

Havia ali um grande movimento de gente. Por entre o tronco n'ú dos salgueiros, viam-se já as primeiras pedras do arco, subindo pelo 'simples, de madeira, que se levantava de uma á outra margem. Uma fileira de mulheres e creanças passava constantemente da draga do areal com cestos carregados á cabeça. Antes de chegar ao rio, a estrada apparece toda coberta de cascalho, que reluzia á luz intensa do meio-dia.

Como as aguas tinham diminuido, uma barca com linguetas levadas á proa e á popa, que no inverno servia de transporte, como uma jangada, estava da outra banda presa por amarras aos troncos de dois amieiros. As pessoas que tinham de atravessar o rio iam pelas alpondras desanegadas; mas quando acontecia apparecer uma cavalgada, então era preciso que os trabalhadores lançassem sobre as pedras duas pranchas largas, que serviam de passadizo.

Quando a filha do moleiro chegou ao rio e ia a meter o macho na agua, um dos homens que ali estava gritou-lhe:

— Não mettas o burro á agua, rapariga; oíha que te afogas e mais elle. Espera que eu lá vou.

A rapariga soffreu o macho e esperou. Ao aproximar-se o homem com a prancha do pinho levantada ao alto, o macho espantou-se, empinou as orelhas, recou de subito, e de um salto atirou comigo e com a rapariga ao rio. O trabalhador, que viu aquillo, principiou a gritar por soccorro.

Acudiram os outros; mas, quando chegaram, o macho tinha seguido para o meio, onde a corrente do rio era mais impetuosa e fazia redemoinho. A filha do moleiro caiu para o lado, estontada do sobressalto e da sensação do frio; e os homens que la gritaram da terra viam n'á seguir a cavalgada com a mão presa na extremidade do cabresto.

N'esse momento, um homem que corria, muito afflipto, pela vereda abaixo, logo que chegou á margem, atirou com o chapéu para a banda, e lançou-se de repente ao rio; mas apenas a agua lhe bateu no tronco, estreameceu todo, bracejou um instante e appareceu estirado á flor da corrente, a boiar, com as faces roxas da congestão.

Quando ia ver as obras do rio — era esse o meu divertimento — façam idéa como eu fiquei!

Sobre uma escada de mão, trazida como uma padiola por quatro robustos trabalhadores do rio, vinha estendido de costas o pobre José moleiro, com a bocca entreaberta, os olhos vidrados e os labios roxos. Mais adiante, a dez passos, no meio da agglomeração curiosa de homens, de mulheres e de creanças, que commentavam e lamentavam ao caso, descobri a desgraçada Therezinha, morta, deitada sobre a terra, com a saia de chita collada ao corpo pelo peso da agua, deixando ver o contorno juvenil dos seus membros inteirados.

Ao lado, o macho, a escorrer, com a cabeça pendida e os grandes olhos fitos no chão, estava n'aquele doloroso abatimento em que deve precipitadamente ficar um homem, depois de se lhe ter disparado a espingarda com os roxos da congestão.

E até parece que, diante d'aquelle quadro funebre, os salgueiros do rio, debruçando-se melancolicos sobre as aguas, entovavam, balouçados pela aragem, uma vaga lamentação de tristeza!

Ao passar, alta noite, pelo atalho da azenha, ouvia-se lá dentro o ruído tremulo da m'ó, do marulhar triste da água, e como fazia



DESENHO DE CASANOVA



um luar de primavera, vi destacar-se claramente no fundo azul do céu, agachada sobre o esgalho nodoso de uma figueira, que ficava ao lado — em vez do alegre rouxinol, que ali cantava todas as noites — uma coruja muito grande, a piar, a piar...

ALBERTO BRAGA.

(1) A insigne escritora alemã Lúcia Fry, que conhece profundamente a língua portuguesa, acaba de traduzir os *Contos d'Aldéia*, do sr. Alberto Braga, um dos nossos mais illustres escriptores. A tradução é acompanhada d'uma noticia biographica do autor e d'uma appozição da sua obra litteraria.

Poucos escriptores, sabem como Alberto Braga tocar da emoção os apaixonados quadros da aldéia — risos de raprugas, arvores toalhando-se de lírio, escanhos de palmeira, almas boas e ternas; dar nos tudo que é simples, bonito, mas bello, n'uma forma tão sobria e portuguesa como é a sua. Este escriptor vai buscar os seus dramas a sua emoção aquella torrense sempre bella e inextinguivel — as lagrimas.

Auctor de mais d'uma de livros de contos — *Contos d'Aldéia*, *Contos da minha lavra*, *Nove contos*, etc.; tendo revelado no theatro altas qualidades de dramaturgo, como na *Irme* e no *Estalario*; a consagração que lhe vem fazendo la fira, premio traduzido em França, na Suécia, e agora na Alemanha, é perfeitamente justa e merecida.



## Montanhas Azues



D. Maria Valmont

D. Maria Stellina Valmont, formosissima senhora, é considerada no Pará não só como uma das bellezas mais insinuantes d'aquella cidade, como um dos talentos mais pujantes da litteratura brasileira e um dos espiritos femininos mais subtile e mais brilhantes.

*Montanhas Azues*, o delicioso conto, que publicamos nesta pagina, fez parte d'uma serie que a illustre escriptora está preparando para em breve publicar, enriquecendo a litteratura brasileira com mais um livro de inestimavel valor.

Terminada a formidavel lucta em que fôra vencedora, a valente herdã de selvagens levantara a tãba imigrando, ao som dos guerreiros cantos, para longe, bem longe do primitivo *habitat*.

E fôra ali, n'esse vasto planalto fertilissimo, isolado em meio da pomposa natureza selvagem, onde lhe parecia

que nunca chegariam os rumores da civilisação avassalladora, fôra ali que acampara esse punhado de bravos tupys.

Mais sedentaria que as outras tribos do mesmo ramo, a custo conseguira a herdã migradora, procurando nova pouxada, dominar a verdadeira nostalgia da primitiva tãba onde cahira, no ardor da pelea contra os invasores, grande parte dos seus irmãos.

Mas tudo passa na terra. Provando isto, ali estava a bõa vontade, o ar resignado de trabalhadores com que os gentios, tempo depois, se foram afazendo ao novo lar.

Outra vez as grandes caçadas, as correrias pela invia floresta, os cantos despreocupados, as danças, as solemnidades costumadas. E o espirito de liberdade predominando esmagando tudo, expandindo-se, identificando-se com a opulencia dos senas, de flores e abundancia de alimento que lhes offerencia prodiga a natureza mãe.

Em meio, porém, d'este despreocupamento empolgante vivia, no isolamento de uma melancholia, no desejo vago do perdido, a meiga india *Jaracy*. Filha do chefe da tribo, o terrivel *Japyr*, eram para ella todas as homenagens dos valentes, os curriedos dos jovens inquietos por lhe não aperceberem mais um riso.

Se acaso seu olhar seguia pelo espaço as scintillantes cores de uma avesita, eis de repente a seus pés a pobresinha morta, ao cruzar com a certa flexa que vigiava para a gentia um instante de prazer.

Delicados fructos saborosissimos, as flores mais exoticas e olientas da parasita, tudo, uma vez encontrado, passava logo ao regaço de *Jaracy*. Inutil isso, todavia. Ao redor d'aquella alminha de ignorante e de simples havia uma treva tão grande de tristeza que que nenhum raio de alegria aclarava.

Profunda nostalgia do lugar onde lhe apparecera a luz primeira, era isso; porém, mais do que isso, para sempre afastada das caricias maternãs, das quaes a privara uma traçoira bala do inimigo branco por quem traxa, desde então, illimitado odio. Indifferente a tudo, agora. Horas, horas successivas, e dia inteiro, às vezes, passava em excursões fatigantes, intermináveis quasi.

Um dia caminhou muito, afastando-se celeri da tãba, internandose pela floresta, onde concertos maravilhosos eram garganteados pelas aves, onde os perfumes agreez das resinas, das folhas e das

flores pompeavam n'uma exuberancia prodigiosa. Uma attracção incomprehendida chamava-a, arrastava-a insensivelmente, poderosamente para além. E seguia sempre até que, ao entrar n'uma clareira, a fadiga proustrou-a. Pãra e sua vista passeia ao derredor, n'um exame perscrutante d'aquillo que a cerca: vê tudo diverso do conhecido até então. Findara a floresta. Para além, em ondulações mantas de verdura, se desenrola vastissimo e pujante o descampado que vai mollemente subindo, colleando, a formar uma ladeira suave e larguissima, que termina depois abruptamente, dando começo a porções brutae de terras altissimas, tão altas que o olhar humano não lhes vê o fim.

*Jaracy* estupefacta fita, n'uma ancã de sensações fortes e desconhecidas, o grandioso do espectáculo.

Eleva seu olhar ao cimo altanado das montanhas, onde o azul fortissimo do ether se encontra profundo e em toda sua plenitude. Então a sua triste alma selvagem se expande, se enternece, se abysma na comprehensão do sublime. Seu labio tremente cicia: mãe, mãe, montanhas azues...

Velhos pagés da tribo contavam que as almas dos grandes guerreiros e dos justos iam, após o aniquilamento da materia, habitar as *montanhas azues*. Ahi, cercados de gozos, recebiam o premio de suas victorias, de suas virtudes e se tornavam guias dos valentes da terra.

Quanta vez, quanta vez, na sua melancholia inquebravel, *Jaracy* scismara n'esse logar de encantamento e delicias, onde pensava estar o espirito amado de sua mãe. Vinham-lhe então impetos de fugir, andar até chegar a esse paraíso.

E agora, de repente, como n'um scenario de theatro, surgiam em sua frente aquellas montanhas, todas cheias de luz, resplendentes e mysteriosas na magnitude do azul intensissimo.

*Jaracy*, vencido o torpor do extase e da prostração, ergue-se e, presa d'aquella mesma attracção anterior, põe-se a caminho. Dirige-se ás montanhas, onde encontrará, decerto, a alma adorada de sua mãe, onde presente o sacramento de seus grandes desejos, o preenchimento d'aquello vacuo interior que a alheia da terra. Segue detemida para além; o trilho sob seus pés não tem urzes, nem accidentes o terreno. Fixa, n'uma insaciabilidade crescente, a altura monstruosa das terras e caminha sempre, o dia todo, a noite, sem querer-se acurrar ao natural cansaço que a ia invadindo.

Radiosa a manhã; o sol, triumpho sol brasileiro, na sua explosão desmesurada de resplandecencias se espaneja voluptuoso no ar, envolvendo, n'um giganteplexo de luz, o colossal accumulo da terra para onde se dirigia, no seu embecamento, na sua loucura, a joven india.

A claridade inunda tudo, produzindo em *Jaracy* fortes deslumbramentos, fascinações largas e impellido a caminhar. Ella emfim ao sopé das montanhas, toda atemorizada e respeitosa desta aproximação. Sente-se, porém, falta de forças, ao peso de tanta emoção; ia desfallecer, por fim, quando lembra-se da lenda da sua tribo e do espirito desejada de sua mãe.

*Montanhas azues, montanhas azues...*

Agil, sem receios, movida por um supremo arrojo, começa a difficil ascensão do monte: e sobe, e sobe...

Subitamente, porém, foga-lhe o alento; fraqueja-lhe o pulso, vacilla o passo e seu corpo desapaioado vem, de escarpa em escarpa, pela encosta, depois ladeira abaixo, cair, inanimado, sem vida, no verde tapete de relva que se ostenta brilhante de matizes, pleno do vida, de emanações suaves de frescura.

Esmacee a tarde com a agonia do sol que tomba para além.

Lá em cima, muito no alto, em direcção do azul denso que corãa as montanhas, passa vagosamente, n'uns esgarçamentos de gaze, um pequeno *cirrus* alvo, alvo como o sonho dos crentes.

Bem dita alma singela e branca de *Jaracy* ahi vae, na leveza d'essa nuvemista, attingindo o desejado pouso.

MARIA STELLINA VALMONT



O que falta aos espiritos cuja razão não está feita é a auctoridade; a natureza fez o homem para discutir e a creação para acreditar.

JULIO SIMON.

A tristeza é na vida o que a chuva é na natureza.

HENRIQUE SIENKIEWICZ.



# Santa Cruz de Tenerife

O ARCHIPELAGO das Canarias ou Afortunadas, que é um dos pequenos dispersos restos do grande imperio colonial da Hespanha, jaz em frente da costa occidental d'África, não longe d'ella e entre os grupos da Madeira ao Norte e de Cabo Verde ao Sul, muito mais proximo d'aquellas do que d'estas.

A ilha de Tenerife, séde do governo geral, é politicamente a mais importante, sendo ali que residem habitualmente o capitão general, o bispo e outras auctoridades superiores.

O porto de Santa Cruz, situado proximamente a um terço da costa oriental da ilha para quem vae do Norte, foi outr'ora escala para a navegação dos paquetes transatlânticos em viagem para o Brasil e America do Sul; mas tendo-se mais tarde construído na ilha Gran Canaria pouco mais a Leste, o porto artificial da Luz, perdeu Santa Cruz temporariamente uma parte da preponderancia commercial de que disfructava, a qual foi sendo desviada para o porto da Luz, onde a maior tranquillidade das aguas offerecia mais commodidades.

A competencia que desde logo se estabeleceu determinou uma vehemente rivalidade entre as duas ilhas, a qual foi creando uma luta grande de interesses e excitando as respectivas populações a influirem para que os melhoramentos locais e facilidades de todo o genero fossem attraindo o commercio e a navegação.

Resolveu-se que em Santa Cruz fosse tambem construído um porto artificial, no qual se trabalha haverá vinte annos, mas que não está ainda concluído. Quando o esteja, as vantagens de Santa Cruz sobre a Luz, ou a supremacia de Tenerife sobre a Gran Canaria ficarão definitivamente estabelecidas pelas seguintes rasões:

- 1.<sup>a</sup> por estar em Tenerife a capital da provincia.
- 2.<sup>a</sup> por ser a cidade de Santa Cruz situada exactamente sobre o porto, emquanto a das Palmas, capital da Gran Canaria, fica 6 kilometros ao Sul do porto da Luz.
- 3.<sup>a</sup> porque a area aproveitavel do porto de Santa Cruz

ficará sendo bastante maior que a do porto da Luz, onde ha alguns baixios, e onde só a metade oriental junto ao molhe pôde ser utilizada pelos grandes navios.

Entretanto precisamos declarar, para que se não assumam excessivamente os interessados da Gran Canaria, que, quando estiver concluído o porto de Santa Cruz, terá a navegação a vapor oceanica crescido tão espantosamente para a America do Sul, costa occidental d'África, Cabo da Boa Esperança, etc., que não só terão amplamente que fazer os dois portos hespanhoes, mas tambem os de S. Vicente e Praia no archipelago de Cabo Verde, o primeiro dos quaes principalmente se acha, geographicamente falando, situado



O porto de Santa Cruz, visto do sul

em posição incomparavelmente mais vantajosa como escala carvoeira.

Não vem porém a proposito discutir aqui as vantagens relativas entre os archipelagos portuguez de Cabo Verde e hespanhol das Canarias, porque isso demandaria obra de muito mais folego. Diremos contudo para nossa vergonha, que embora o porto de S. Vicente disponha de excepçoes superioridades, está elle ainda no estado em que a natureza nol-o apresentou, isto é, sem quaesquer trabalhos hydraulicos que o aperfeiçoem e que facilitem as operações de carga e descarga, que por vezes são muitissimo affrontadas com a violencia da brisa e agitação do mar.



O porto de Santa Cruz, visto do norte





Vendedeira de leite

A ilha de Tenerife é notável pelo celebre pico de Teyde que se ergue no seu centro a uma altura de 13:343 pés, coroado de neves eternas e constituindo um dos pontos mais elevados do globo. Esse pico pode ser avistado de muito longe pelo mar fóra. Apesar de ser de 270 milhas a distancia entre elle e as montanhas mais altas da Madeira, tem acontecido serem vistas as duas ilhas simultaneamente de bordo de um navio situado entre ellas, muito mais proximo da ilha portugueza é claro.

O clima de Tenerife é saudavel, temperado e muito apropriado ao tratamento de molestias pulmonares, como o da Madeira. O solo

é fertil e produz todas as fructas europeas e tropicaes, havendo um importante commercio de exportação de bananas, batatas, laranjas, tomates, etc., etc.

O porto de Santa Cruz consta de um molhe ao Norte com 150 metros de extensão, totalmente construído já, na



Uma rua de Santa Cruz

Em continuação d'esta parte já concluída e em exploração, ha já mais 150<sup>m</sup> de quebra-mar propriamente dito que continuará até a extensão total. Este quebra-mar está construído em uma profundidade de 8 metros sobre um enrocamento de pedras e blocos acima do qual se ergue a muralha de 12 metros de altura e 9 de largura. Os blocos artificiaes construídos mesmo sobre a costa da ilha, dentro do porto teem 50 toneladas de peso cada um. Pela parte exterior do quebra-mar ha um parapeto de 2<sup>m</sup> de altura para abrigar da possível sorriada do mar em occasiões de muito mau tempo de Leste. Este quebra-mar poderá dar accesso a atracação de navios em toda a sua extensão.

Quando o porto estiver concluído terá uma abertura entre os extremos dos dois molhes de 330<sup>m</sup>.

Dizem os praticos locais que a situação do porto de Santa Cruz será superior á do da Luz, visto ficar a entrada d'este ultimo mui proximo da restinga de Santa Catarina, o que exige muito cuidado no go-



O caes

direcção de SE, e de um chamado do Sul paralelo á linha da costa ligado a esta por um ramo curvo que começa normalmente a ella. D'este molhe do Sul que terá ao todo 1:500 metros quando concluído, está completamente prompta metade, 400<sup>m</sup> em estado de grande adiantamento, e em projecto 350<sup>m</sup>.

A partir da sua origem junto á praia da cidade consiste o molhe em tres alinhamentos rectos, cada um de 75<sup>m</sup> de extensão e 25 de largura no seu coramento os quaes se vão successivamente inflectindo para E e NE approximadamente, a minima sonda junto á muralha pela parte de dentro do porto é de 6 metros.

Em seguida a esta parte descripta que tem ao todo 225<sup>m</sup> de extensão, segue-se o chamado molhe de cabotagem, com 120<sup>m</sup> de extensão e 14 de largura em cima; sonda minima 2<sup>m</sup>,6. Em seguimento ha o molhe chamado de desembarque de passageiros e bagagens com 160<sup>m</sup> de extensão e 10 de largura, com as mesmas sondagens que o precedente.



Campones, pastor de gado



verno para se não encahar, ao passo que em frente e aos lados da bocca do porto de Santa Cruz, mesmo até junto á costa nenhum perigo existe.

O serviço da pilotagem e sanitario são feitos em Santa Cruz tanto de dia como de noite com a maior celeridade, de modo que os navios podem, logo depois de chegar, começar as suas operações. Carvão e agoa encontram-se constantemente em depósitos fluctuantes. Para a descarga de mercadorias podem os navios atracar ao molhe onde ha guindastes de rapido manuseamento e uma linha ferrea que leva á cidade.

O porto de Santa Cruz mantem relações maritimas com a Inglaterra, França, Allemanha, Hespanha, Estados Unidos da America, Suecia e Noruega, Republica Argentina, Venezuela, Marrocos, Cuba, Porto Rico e outras nações europeas e americanas.

O preço da agoa é 5 pesetas a tonelada ou proxima mente duas pipas. O carvão custa em circumstancias normaes 20 a 22 shillings cada tonelada, posto que actual mente em consequencia da guerra do Sul d'África este preço elevado a 44 shillings e meio.

Os diretos de navegação, seja qual for a nacionalidade dos navios, quer façam operações commerciaes quer não, são reduzidissimos.

Pilotagem de entrada, de dia .....	(Pesetas) 30
Idem de entrada, de noite .....	45
Idem de saída (voluntaria) .....	
Despacho sanitario e de alfandega (especial) .....	
de dia ou de noite .....	30
Despacho consular, convencional .....	

Estando o navio sujeito a observações quarentenarias ta pagar a mais

Por um bote com dois guardas sanitarios, por dia .....	(Pesetas) 7.50
Idem, idem, de noite .....	15.00

Terminaremos apresentando uma succinta nota da navegação que durante o anno de 1900 frequentou o porto de Santa Cruz de Tenerife.

No anno de 1900 fundearam n'aquelle porto 2,940 navios com 4,742,140 toneladas, 89,045 tripulantes e 118,051 passageiros.

### Classificação por motor

#### NAVIOS DE VAPORE

Hespanhoes .....	478 com	471,473 toneladas
Estrangeiros .....	1,334	4,119,447
Total .....	1,812	4,590,920

#### NAVIOS DE VELA

Hespanhoes .....	1,099 com	130,947 toneladas
Estrangeiros .....	29	20,273
Total .....	1,128	151,220

### Resumo

Vapores .....	1,812 com	4,590,920 toneladas
Velleiros .....	1,128	151,220
Total .....	2,940	4,742,140

### Pessoal

Tripulantes .....	89,045
Passageiros .....	118,051
Total .....	207,096 pessoas

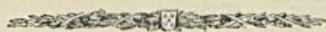
### Classificação por procedencia

Da Europa .....	2,295
• Asia .....	—
• Africa .....	290
• America .....	287
• Oceania .....	68
Total .....	2,940 navios

### Classificação por bandeiras

Allemaes .....	327
Austro-hungaros .....	1
Argentinos .....	2
Belgas .....	21
Brasileiros .....	2
Dinamarquezes .....	4
Francaes .....	210
Gregos .....	1
Hespanhoes .....	1,577
Hollandezes .....	6
Inglezes .....	688
Italianos .....	80
Norte-americanos .....	2
Portuguezes .....	7
Russos .....	3
Suecos e noruegueses .....	9
Total .....	2,940 navios

AUGUSTO DE CASTILHO.



## Compaixão

Quem te resiste ó Dôr na negra Vida?  
Quem te pode vencer, ó poderosa,  
Que nunca por ninguém foste vencida?

Tu que saes sempre, sempre victoriosa,  
Tu que és do Mundo a alma transcendente,  
Pra que tornas a Vida dolorosa?

Acaso tens prazer ouvindo a gente  
Arrastar-se medrosa p'las estradas  
Bradando contra Ti raivosamente?

Góstas de ouvir as lugubres toadas  
Atridas na Treva Immensa e escura,  
P'las Almas opprimidas, desgraçadas?

Góstas de vêr as mãos da Desventura  
Strangularem, ferozes, os Malditos,  
As victimas do Mal e da Loucura?

Góstas de ouvir a Musica dos gritos,  
Mais lugubre e chorosa que a do Vento,  
Mais triste que a revolta dos proscriptos?

Ó! Dôr! ó! Dôr! Teu coração cruento  
Não entristece ao vêr um peito amado  
Ser morto pela mão do Soffrimto?

Que fazes cá no Mundo desgraçado?  
Pra que apunhalas mais os corações,  
Pra que queres vêr mais sangue derramado?

P'ra que então phantasticas canções,  
Se podes enganar somente o Louco  
Que ainda cré como eu em illusões?...

Já morre o teu olhar a pouco e pouco...  
E se inda existe quem te admire e ame,  
E' que esse Doido do gritar é rouco...

Faz com que alguém a um desvaído chame  
A fazeção que perdeu e a Voz que tinha,  
E então verás se existe quem derrame

Por sobre Ti o Amor, Negra-Rainha!...  
Pra que levaste a Estrella da Alegria,  
Estrella que eu amava e que era minha?

Ó! Dôr! ó! Dôr! A tua Alma é fria  
Teus olhos são estereos, pois não choram  
Ante a Vida que arrasto n'esta via!

Tuas lagrimas, Dôr! onde é que moram?  
Teu coração d'amor onde é que existe  
P'raquelles que como eu piedade imploram?...

Desalento como este, Tu já viste?  
Acaso viste já soffrir maior,  
Ou alguém que, do que eu, fosse mais triste?!

Ai de mim!... Compaixão! oh! Deusa-Dôr!!

Ceilas, Coimbra, 901

ALFREDO PIMENTA.



# SILVERIO NERY

Governador do Amazonas



O NOME do actual governador do Amazonas distingue-se e avulta entre quantos, em annos relativamente curtos, tem prestado á sua patria relevantissimos serviços. Faz parte de uma familia numerosa cujo appellido seria só por si um galardão de valor real e os meritos pessoais não fossem apanção de cada um dos seus membros, e se tantos que hoje com esse appellido se illustram não porfiassem em mostrar que o respeito pelo seu nome e a dedicação pela sua terra, era para cada um uma honra e um dever.

Silverio Nery conta apenas 44 annos, pois nasceu em 1858 nos sertões do Amazonas — villa de Loreto — onde seu pae, distincto official do exercito, era commandante da fronteira.

Aos treze annos entrava para a Escola Militar do Rio de Janeiro como cadete, e estava a concluir o curso superior quando o fallecimento de seu pae, em 1878, o obrigou a vir para o Amazonas, onde inaugurou, por assim dizer, a sua vida politica como ajudante de ordens do presidente da provincia.

Nunca mais desaccouo, e, na faina que a si mesmo se impoz, combatendo pela palavra e pela pena nos partidos avançados, sendo no orgão do seu partido, o *Amazonas*, o redactor politico sempre na brecha, sempre na defeza dos principios que sustentava e com inalteravel coherencia, teve a gloria de ser um dos autores e relator do projecto que se converteu em lei abolindo a escravido em toda a sua provincia quatro annos antes de ser abolida no imperio. Esta circumstancia honrosissima para o que é hoje o florecente Estado do Amazonas torna ainda maior relevo se se attentar em que foi a então provincia a unica que aboliu a escravido pagando indemnização aos senhores d'escravos.

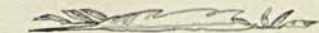
No tempo da monarchia foram tambem avultados os serviços prestados por Silverio Nery ao partido liberal. Deputado provincial e membro do directorio d'esse partido no Amazonas, combateu sem um desfalecimento, com dedicação sempre bem orientada e firme, nas mais avançadas fideias d'esse partido.

Eleito deputado no Congresso Estadual logo que se proclamou a Republica, foi esse homem moço, mas já experimentado nas luctas partidarias, aquelle que o Estado do Amazonas escolheu para o enviar ao Congresso do Rio, primeiro como deputado e depois como senador federal. E n'esta alta missão se encontrava, quando foi chamado para exercer o governo do vasto e florecente Estado do Norte. E como se á familia Nery coubesse o privilegio de por todas as formas honrar a terra a que pertence, foi um seu irmão, tenente-coronel do exercito do Estado Maior, quem preencheu logo o lugar que elle tão dignamente occupára no Senado.

É curio ainda o seu governo, mas os actos que o mais acrisolado patriotismo lhe tem inspirado mostram que n'elle por completo se consubstanciam o identifiçam o cidadão e o homem de Estado. Coronel da guarda nacional, honra se com essa dignidade, porque ella de sobejo indica que em momento opportuno nenhum sacrificio recusaria á sua patria. E para realce de tantas qualidades, o titulo de exemplar chefe de familia não é d'aquelles com que menos o seu caracter se nobilita. Casado com uma senhora amazonense, filha de um negociante portuguez que all reside ha muitos annos, tem cinco filhos, ainda creanças, que são o supremo gozo e enlevo do seu espirito e do seu coração, que por completo lhes consagra, quando lh'o permite a labuta dos negocios publicos.

E eis em rapidos traços o perfil do homem de bem que felizmente se encontra n'este momento á testa do governo do Amazonas. Oxalá elle repare com a sua gerencia os erros que porventura antes d'elle se tenham commetido, oxalá que se realizem as palavras simples, mas honradas, que proferiu no momento em que ao assumir o governo geral do Estado, os seus compatriotas o acclamavam:

"Só desejo uma coisa: que no dia em que deixar este logar me tratem tão bem como hoje."



## Barão de Sant'Anna Nery

Dos nove irmãos Nery é o mais velho, o que não quer dizer que seja velho, ou que deixe de ser eternamente moço o seu espirito. Consagrou-se desde muito novo ás letras, e o destino que o fez tomar essa orientação foi providencial, pois se diria apposto em seu provar que nem a natureza nem a educação recusou a esta illustre familia brasileira nenhuma das grandes qualidades humanas.

Do mais, o barão de Sant'Anna Nery fez de Paris a sua residencia habitual, e depurou, a perfeição, enriqueceu essas qualidades com o convívio permanente dos primeiros homens de letras, prosadores e poetas, que mais no seu tempo contribuíram ou contribuem ainda para o bom nome, para a gloria da França. Entre elles — pode affirmar-o quem escreve estas linhas — Sant'Anna Nery não é um estrangeiro, é um irmão, é um confrade nas letras.

As commissões que tem desempenhado, os altos logares que tem exercido em associações litterarias, os jornaes francezes em que tem col'aborado, a *Revue du Monde Latin*, que proficentemente dirigiu, e tantos outros trabalhos em que figura o seu nome, provam á evidencia que elle é o filho adoptivo da França, a bella patria espirito, unido com uma senhora de alta cultura intellectual, sua valiosa collaboradora, dir-se-ia que tudo se congregara para que este representante do Brasil na Europa litteraria fosse dotado de todos os privilegios, afim de que nenhum elemento de valia faltasse a essa elevada representação espirital.

No entanto, se esse homem tão parisiense na educação e nos habitos deixasse de ser brasileiro de coração como o é de sangue, seria menos sympathica, incompleta, a sua individualidade. E o entranhado amor á sua terra, nunca diminuido em terra alheia, que dá brilho e relevo á sua figura inconfundivel. Correspondente na Europa, largo tempo, do *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, ninguém melhor soube conciliar aquellas qualidades, ninguém exerceu com mais primor essa missão delicada.

E se tantos trabalhos seus não viessem confirmar esta asserção, bastava citar um d'elles, um livro que é ao mesmo tempo um documento de alto valor, visto que por igual abona o estudioso e o patriota. E' o *país do Amazonas*, que está publicado em quatro linguas: portuguez, franceza, inglesa e italiana, e é o mais completo repositório de esclarecimentos de toda a ordem sobre as riquezas naturaes do Amazonas e sobre a administração publica d'esse Estado, cujo desenvolvimento progressivo inspira palavras de entusiasmo a este seu filho dilecto.

A superior individualidade do barão de Sant'Anna Nery conhece-a de ha muito o nosso mundo litterario. E se hoje acompanham estas palavras o seu retrato, é porque uma illustração que tem o titulo da nossa não podia adiar a justiça d'esta homenagem.



Só se aprende a viver, vivendo.

BRUNETIÈRE.

O mal que o espirito se apraz em dizer das mulheres é a desforra do bom que o coração insiste em esperar d'ellas.

Para muita gente o homem que faz mais bulha, que possui melhores pulmões e que tem a voz mais sonora, é o homem de mais merecimento.

PAULO DE KOCK.



# Historia do bafel Vae com Deus e da sua companhia

## PARAMOS



A **IRMÃ** do mocinho, já crescida e linda, casou um dia com um moçoito de Paramos, que, quando a encontrava a concertar rédes no areal, lhe ia dizer baixinhos segredos ao ouvido.

Empregados na faina de sardinha andam em certa época homens da Povoação, d'Ovar, de Paramos, de toda a costa, e é n'esse tempo d'abundância que se fazem os casamentos.

São aos milhares, ás frolas, as embarcações que, pelas tardes de bruma, vão arrancar do mar a sardinha. A's vezes, alto, um pedaço de sol doira a nevoa despedaçada, que o vento leva para o largo, e de oiro leve se tingem as velas, que vêm entrando a barra, n'uma algueira doida.

Vae por toda essa costa de Aveiro até Vianna uma azafama, um borborinho enorme. Do interior das terras, d'aldeias perdidas de Traz-os-Montes, de povoações ignoradas do Douro, descem até á costa, aos bandos, pobres creaturas, que veem buscar o mantimento para todo o inverno.

Até os famintos esperam os dias em que a sardinha, de tanta, se dá á quem a vive: é o quinhão dos pobres...

E no mar inexotável as mantas do pequeno peixe passam ligadas, formidáveis. Nenhuma força as destroe ou exgota. Descem-se as redes negras, tiram-se as rédes todas de prata. E assim, cada tarde, esse areal d'oiro se vê coberto, alastrado de peixe, logo vendido a lanço, aos montões. Um incansável formigueiro humano arrasta para o interior, depois de salgadas, montanhas de sardinha.

Pequenos barcos, leves e veleiros, de madeira por pintar, resinosa e alcatroada, com nomes ingenuos em grandes letras: *O Senhor dos Navegantes*, *Deus te ajude*, etc., servem para esta pesca. A tripulação é simples: quasi sempre seis homens, com outras tantas rédes.

Por isso todos os dias o mar se estiva de bateis: apenas n'um pequeno retalho verde, para lá do areal, contam-se por centenas. Calculem, portanto, a fecundidade do mar... Dir-se-hia que a agua toma vida, se desfaz em mil pequenos seres.

Quantas vezes acontece aos pescadores, diante d'uma manta compacta, unida, espantosa, terem medo de lançar as suas rédes! Como um furacão, como o destino, nada abala, nada desvia, nada destroe, o banco de sardinhas, que vem do mar largo e immenso desovar na costa, e segue o seu caminho indifferente, monstruoso, inexotável. As rédes seriam destruidas, levadas aos pedaços, n'um momento. Todas as manhãs os bateis partem a remo ou á vela, e á tarde, com o norte, eis os de volta em fila, vindo despejar no alarido das praias, onde as mulheres esperam, o peixe que no covernamento negro dos barcos salta tremulo, vivo ainda.

Já assistiram, por ventura, na bacia da Povoação, aos gritos, ao espectáculo movimentado e pitoresco da chegada das embarcações?... Longe, no mar largo, as velas infunam-se, um ponco diluidas na nevoa do céu e na poalha verde do mar. Chegam: umas ao longe ainda pequeninas, mudas como azas, outras já perto. Algumas encalham na praia húmida, no areal onde o mar rola as suas ondas, encurando as retardatárias partem. Mulheres, de saia arreagada e perna nua á mostra, carregam as rédes encascadas ou batem nas na agua, lavando-as... Uma lanchar vae partir: encostam-lhe

os hombros os pescadores e aos gritos de: *oupa! oupa!* — lá a arrastam formidáveis de força, de saúde, de belleza que o mar lhes dá em troca de canseiras e de perigos. Ao longe, por vezes, o céu tem tintas melancólicas: o pó d'oiro do sol cae sobre o mar, e os barcos navegam, dir-se-hia, n'um oceano de sonho mysterioso e fundo.

E por toda esta costa as povoações tem os seus costumes, os seus usos, que passam de paes para filhos, sabe Deus desde que tempos ignotos. Cá mais para baixo para os lados de Espinho, usam-se rédes enormes, com grandes saccos, que são lançados ao mar quasi por toda a povoação.

Já em Paramos a costa differre: a terra lavrada entra pelo Atlantico, a vegetação é anémica e o ar sabe, vivo e forte, a mar largo. Pequenos pinheiros verdes, ás montas, terras húmidas e tristes, que em certas noites a um luar dubio, com o mar a bramir ao longe, gigante e sornudo, dão uma tristeza infinita. Aqui o lavrador accumula: em certas épocas deixa o arado e toma parte na companhia. A povoação é miseravel, feita de madeira, estacada sobre o areal — ninho de ave maritima, onde vive uma população ignorante, rude, que só convive e fala e aprende com o mar...

Em certos dias iça se n'um mastro um camaroeiro, e a este signal, esperado no interior da terra, nos pequenos casaes húmidos como tocas, começam a apparecer pelos caminhos, pelos corregos, em direitura á praia, as pesadas juntas de bois, que as raparigas guiam e que uma a uma chegam ao largo areal, cheio de sol, de gritos e de vãos altos de graminas. Vae-se alar a grande rede, que em cada ponta tem uma comprida corda onde os bois são ligados. A um signal do arraas que commanda a manobra — *ai!* — a rede, lento e lento, vae saindo da agua. Os bois entram no mar, puxam, veem até ao alto, e logo em desfilada, tornam ao oceano.

Enfim, o sarco surge, cheio de peixe — de pescadas enormes, de ruivos, de chapatos, montes de prata viva entre algas verdes, que os pescadores dividem, apregoam e quinhoam. Não tarda que as mulheres partam, a vender de saia ensacada e perna ao léo.

E' esta a época em que se fazem os casamentos. Na egreja o sr. abbade não tem mãos a medir, casa que casa — e a filharada nas tocas de madeira augmenta, cresce, rola pelos areaes. Que e preciso possuir? Um barco, seis rédes — eis uma riqueza e o mar allí está ao pé sempre fecundo.

As raparigas contam-se os seus segredos e pelas ruellas, ao crepusculo, os pares de namorados são infindáveis, n'esse tempo de calma, em que o oceano azul e manso parece pregar a fecundidade e o amor.

Ninguém se lembra da morte, nem dos perigos. O peixe é tanto que se dá, banzeiro o mar, os olhos negros das raparigas entontecem — e na egreja o senhor abbade, de estola em punho, sorri, casa que casa. n'uma azafama, que não vá acabar-se o planeta com os seus risos, as suas lagrimas e o seu sonho...

Ai, a filharada augmenta!... Pequenos, ruivos, nusinhos, andam aos bandos, como as garotas, pela beira d'agua, gritando, rolando-se, banhando-se n'esse oceano tão azul, tão manso, tão bello, que lhes ha de ser sustento e cova.



As raparigas



Quando a encontra no areal...



# THEATROS

D. Maria

O Tartufo

RESMERCIAR as obras que imprimem cunho a uma época e são a glória de todas as literaturas é um dever do theatral nacional. E justo é glorificar de d'essa grata, arcaica e altíssima obrigação, se tem primorosamente desempenhado os artistas de D. Maria, que nos deram ainda há pouco o *Fr. Lázio de Souza*, e a quem se deve a honra de nos apresentarem o *Tartufo*.

Elles sabem muito bem que o gosto do publico revertido pelo moderno figurino francez nem sempre comprehende estes arcos, porque não lhes chamam assim! — e que as materias que constituem as plateias gosam mais em applaudir qualquer emaranhado enredo de Demery, qualquer lance theatral de exportação assignado por Sardou, do que em escutar os sublis conceitos de Moliere através dos versos de Castilho, os mais sonoros, os mais rhythmicos, os mais opulentos, os mais simples e suggestivos de quantos podem honrar a lingua patria.

O *Tartufo*? Se n'este momento fosse a intenção de quem escreve estas palavras dizer o que é a obra prima de Moliere não faria mais, por maior originalidade que procurasse affectar, que renovar a critica geral, que considera a creação de Moliere uma das mais altas manifestações do espirito, figura immortal em que se fundem como em um bloco de bronze, resistente a seculos dias de tribulações e dos seculos, algumas das qualidades preteritas da nossa raza, a hypocrisia requintada, a traicao tuciosa, a maldade disfarçada em palavras doces, todo um conjunto de predilectos moraes, que tornam eternamente vivo, eternamente real como a realidade essa personagem typica, que atravessa todos os tempos, pertence a todos os países, é producto de todas as sociedades, e mal nos surge em scena, cada um de nós oolla como um velho conhecido.

Essa figura genica, como tantas outras que sahiram do cerebro potente d'esse comediante, para cujas facilidades era tão estreito o palco scenico que quasi tres seculos depois não é bastante vasto o mundo para comprehendê-la e que colhe a gloria e o nome, essa figura ainda na limitada galeria mais creações da intelligencia humana.

E não podia ser mais apropriado nem opportuno o momento de exhibi-la em presencio portuguez. Os ultimos casos que tanto tem ferido o espirito publico e tamanha revolta tem operado nas consciencias, deram-lhe actualidade palpante. Merece das vestes negras com que Tartufo se apresenta, do seu ar beatifico e contemplativo, do tom sermoneico que dá ás suas palavras repassadas de nução religiosa, dir-se-ia que a comedia de Moliere ficara arrancada aos archivos da bella litteratura para regressar como um symbolo e uma synthese as personalidades visadas na campanha vigorosa com que a França, a Hespanha e Portugal estão n'este momento firmando o seu protesto a favor da liberdade da consciencia.

Quem esteja sentado na plateia de D. Maria e veja aquella personagem de roupas negras entre n'uma casa honesta e dentro de pouco tempo lançar n'ella a rebeldia, a desordem, e por fim a miseria, os olhos sempre fixos no réo, os labios articulando palavras piedosas, os gestos cuidados, o ar comedido, um rescaldo innocuo de todo o ser para disfarçar e trahir o infernal pensamento, não deixará de avivar na memoria o caso recente que teve por theatro o Porto, e que forçou o governo de um paiz amigo a afastar d'essa cidade e do reino um funcionario digno e benquisto, acompanhado de toda a familia.

Quem, no descho da comedia de Moliere, assista à intervenção do rei, e, segundo o molde antigo, veja castigado o vicio e a virtude premiada, recordará tambem as palavras de esperanca e de liberdade que ainda há poucos dias o chefe do Estado preferiu antes o liberos do Porto.

Quem, todavia, tiver olhos para vir mais longe, descobrirá facilmente que Tartufo não florece e medra apenas n'uma classe, n'aquelle que os acontecimentos recentes põem em evidencia. Tartufo pertence a todas as classes, traça de todas as formas, tem embustes de todos os feitios, encontra por toda a parte asmilos que facilmente o adora, arma-se de todos os recursos, agota supplicas, logo amansa, curva a espinha, chora, trahe o que se serve, degrada os que se salvam, e se, enfim, se vê descoberto, revolta-se e morre, conforme lhe convém, ou a viras da serpente em a garras do tigre.

A civilização do nosso tempo limita-se a necessitar pouco a do tempo de Luiz XIV. O Tartufo moderno enverga a farda do politico ou a casaca de homem do mundo, e tem na ligamam mais sutilezas, mais primores, mais cultivo. Para o modernizar, para lhe tirar o tom rancoso, que só por algumas classes os passava é bem accoado para o levar a toda a parte, e dar-lhe cabida em todas as sociedades, a civilização do nosso tempo inventou esta palavra: diplomacia, que serve à maravilha para todos os fins, e deante da qual todos os processos são leitios. Mais diplomata é o que mais engana, o que mais finge, o que mais disfarça o pensamento em palavras que não sentem, o que mais consegue, seja o que for e de que maneira for. Todos os caminhos vão dar a Roma, e o vencedor é o que chega, sem que a sociedade queira saber por qual d'elles tomou. N'isto está a superioridade da nossa civilização sobre aquella à qual Moliere foi arrancar o seu Tartufo. Fica inteira, perfeita, immovel, a criação do mestre. Falta simplesmente um Moliere de hoje para nos dar em todas as suas cambiantes, diplomata, chic, insinuante, illustrado, vencedor, o Tartufo moderno.

Os escholos de uma representação d'este genero mais uma vez os venceram os artistas que estão tendo pela arte um nobre e tão sympathico e tão louvavel. Salvo-nos muito bem que só um artista de pujante evargadura pode encarnar aquellas figuras typicas, grandes, que como o Tartufo, como o Hamlet, como o Avarento, não são um homem, são o homem. Para em todas as suas feições, em todas as suas actões, em todas as suas palavras, em todas as suas maneiras, em tudo bem. O artista que faça o Tartufo como o poeta o imaginou e escreveu tem quasi de elevar-se até elle. Tem a empregar todo um processo seu de sentimento, de analyse e de critica. E dar a expressão intima e suggestiva do sentimento acompanhado de faculdades criticas e de uma visão toda a luz sobre a figura typica, é a arte de representar, o supremo encanto e o supremo triumpho. Na comedia,

onde mais estão em foco essas qualidades, a difficuldade avoluma-se, e nomeadamente no Tartufo, vamos com Sarcy, que considera o personagem de Moliere o mais difficil de representar em toda a comedia universal.

Dizer que Augusto de Mello vencerá todo isto, esplanará todas as difficuldades, encarnará todas as exigencias, d'este complicado papel, seria affirmar o senso publico e o d'elle. Faz muito, e o adoeço que empregou para o exito justo que obteve, só merece incantamentos e louvores. Deu ao personagem a expressão geral, desenhou as grandes linhas, marcou-o com um talento não vulgar. E isto em theatro portuguez, e em arista portuguez, não é victoria de que se abiltam. Das apaixonadas e lascivas confissões de amor à mulher do seu amigo, até à humilhada hypocrita, à confissão dos seus peccados, das curvaturas de espinha diante das investidas e apostrophes do filho de Anselmo, dos labios tremulos, dos olhos supplicantes, da manteria e tração disfarçada em tons e palavras de arrependimento até à sobrançaria e desceço que reduz à miseria e injuria o que lhe deram agaalho, de um ao outro extremo de tão heterogeneas manifestações de orden moral, Augusto de Mello deu a impressão nitida da figura que reproduzia, compoendo com grande correccão o typo, mas esquecendo um ao outro detalhe que fosse necessario à suggestão procurada, e confinando, em summa, o grande conhecimento do theatro, que é de todos os tempos tambem, e que só vê a verdade quando o monstro da hypocrisia e da perfidia lhe apparece em toda a evidencia e quando a miseria cou sobre a sua familia. Estudou com cuidado o caracter de Anselmo, e traduziu-o com muita fidelidade.

A seguir, Emilia Lopes, de todas a que melhor diz o verso, e que deu à vella mãe d'Anselmo, heita, prodiga em rirões e proverbios, o typo que ella exige.

N'aquelle interessante e sympathico papel de *soubrette* por Amelia Vianna o melhor do seu esforço e da sua vontade, como Augusta Cedeiro, muito bem na mulher de Anselmo, Cecilia Machado, na filha, Mais e Santos, que com os seus recursos de arte, completaram o excellento desempenho que teve no theatro de D. Maria o *Tartufo*. Quando de lá sahimos, na primeira noite, traziamos na retina essa figura inconfundivel e unica, e no ouvido a harmonia d'esses versos portuguezes, em que o vocabulario se exhibe a uma riqueza exuberante, mais precisa e apropriada, em que os conceitos e os proverbios se encadeiam n'uma successão logica para traçarem no espirito as grandes linhas das figuras revividas, em que a arte de transpalar para a nossa lingua extranha e tão suggestiva e pujante que nos dá a impressao de termos deante de nós uma das obras primas de litteratura nacional.

JAYME VICTOR.

AUGUSTO DE MELLO  
(interpreta o Tartufo)



Adelaide Coutinho

Adelaide Coutinho é uma gentilissima artista, vinda há pouco do Brazil, e que no theatro do Gynnasium tem alcançado de tal modo as sympathias do publico, que este não hesitou em congratular com os seus applausos a reputação de artista distincta que Adelaide Coutinho trazia dos palcos brasileiros.

O publico de Lisboa não a reconhecia e raras eram os que se lembravam, ao vê-la na *Dama das Camélias*, do tempo em que ella, tendo 12 annos, desempenhava correctamente um pequeno papel no drama *Os incendiarios*, de Costa Braga, representado em tenções no Príncipe Real, de Lisboa.

Muito novo ainda, pouco depois do seu debut, Adelaide Coutinho casou com o filho do actor Simões, indo viver para o Rio de Janeiro, onde, passados alguns annos, ha creza de ter voltado à vida do theatro representando com enorme exito nos theatros de S. Pedro de Alcantara e Recreio Dramatico.

Depois, fazendo parte da companhia de Dias Borges, percorreu quasi todo o Brazil, constituindo essa *turné*, tres exitos de triumphos para a gentil artista que nos principaes papeis de *Grêm Coutinho*, *Dama do Porto*, *Margarina de Val-Môr*, *Dama das Camélias*, *Mulher de Claudio*, *Grande Industrial*, etc., alcançou a reputação de actriz distinctissima.

Em julho do anno passado voltou para Portugal sendo escripturada para o theatro do Gynnasium onde se estacou na comedia de Leopoldo de Carvalho *A Cimeter*.

Em seguida representou a *Dama das Camélias*, e o modo como desempenhou o papel de Margarida Gantuilier, fez comprehender bem ao publico portuguez, que tinha na sua presenca uma actriz de incontestavel valor.

Todas os papeis que depois d'esse tem desempenhado mais tem confirmado a opinião geral.



ADELAIDE COUTINHO



# BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Composição e Impressão

Textos e caps: Companhia Nacional Editora

Largo do Conde Barão, 50  
Páginas supplementares: Off.º Escrivão Nunes & F.º  
Rua d'Assumpção, 18 & 20

Romanço: Typographia Castanhete  
Calçada de S. Francisco, 13

Directores  
Augusto de Castilho, Jaime Victor, Lorjô Tavares

Editor  
Luiz Antonio Sanches  
Redacção e administração—Rua do Carmo, n.º 15, 1.º  
LISBOA  
Endereço telegraphico—BRATUGAL

## ASSIGNATURAS

ESTADOS UNIDOS DO BRASIL		PORTUGAL	ILHAS, AFRICA E ESTRANGEIRO
Anno .....	Moeda brasileira .....	Anno .....	.....
Numero avulso .....	30\$00	6 meses .....	78\$00
	28\$00	12 meses .....	48\$00
		Numero avulso .....	24\$00

## SUMMARY

Política internacional — CONSIGLIERI PEDROSO.  
Saudades dos Açores — ALFREDO MESQUITA.  
O coveiro — VERSOS DE GONÇALVES GRESPO.  
Aos que não sabem ver — VERSOS DE SILVIO REBELLO.

Cartas a uma prima — MANUEL PENTEADO.  
O novo monumento a Sousa Martins.  
Anthero de Araújo.  
Amor, poder supremo — VERSOS DE MANUEL D'ARBIAGA.

Santa Cruz de Tenerife — AUGUSTO DE CASTILHO.  
Compulsão — VERSOS DE ALFREDO PIMENTA.  
Silvério Nery.  
Barão de Sant'Anna Nery.  
O abandono do moinho — ALBERTO BRAGA.  
Montanhas azues — MARIA STELLINA VALMANT.  
Historia do batedor — Vae com Deus e da sua companhia — RAUL BRANDAO.  
Theatros — Tarsilo — JAYME VICTOR. — Adelaide Coutinho.

## Páginas supplementares

Os nossos correspondentes.

Lorjô Tavares.

O abandono do moinho.

Saudades dos Açores.

Tauromachis — EGYDIO DE ALMEIDA.

O NOSSO JORNAL — (A quinzena noticiosa).

Cartas da Quinzena.

O Cego — ROMANCE DE PEREZ GALDÓS.

26 illustrações

## OS NOSSOS CORRESPONDENTES

A empresa do BRASIL-PORTUGAL tem já os seguintes representantes:

### No Brasil

RIO DE JANEIRO — S. PAULO — Agência Central dos Estados do Sul. Coronel Theodorico Pupo de Moraes e José Martins Filho, Rua de Alameda, 4, sobrado.  
PERNAMBUCO — A. Leopoldo da Silveira.  
PARÁ — J. B. dos Santos & G.º — Livraria 'Classica' — Rua João Alfredo, 52.

FRANCO TAMPARÉ — FOLHADÉLLA — Casa Andersen & C.º

MARANHÃO — Leopoldo J. de Medeiros & C.º

CEARA — Salles Torres & C.º

BÁHIA — José Luiz da Fonseca Magalhães (Livraria Magalhães) — Rua Direita do Palácio, 38

PELOTAS — Carlos Pinto & C.º Livraria Ameri-anal.  
PONTO ALEGRE — Carlos Pinto & C.º Livraria Americana.  
RIO GRANDE DO SUL — Carlos Pinto & C.º Livraria Americana; Rua Marechal Floriano, 100.

### Em Africa

MOGAMBIQUE — Julio Augusto Pinto de Carvalho.  
MOSSAMÉDES — Joaquim Teixeira de Assumpção.  
QUILIMANE — Henrique Jorge de P. Neves.  
BENGUELLA — Mathews & Tavares.  
LOURENÇO MARGU: S — D. Bernardo Heitor da Silveira de Lorenna.

BOLÁMA — Guinó — Cesar A. Gouveia da Silva Homem, Thesoureiro geral da provincia

### No Continente

PORTO — Agente geral no Porto e no norte. Antonio Costa Fernandes, Rua do Almada, 43, 1.º

EVORA — Agente geral em Evora e no Sul. Luis Freire Correia, Rua de Ladreta, 18.

BESAVENTE — J. N. S. Carvalho.

PONTE DE LIMA — Gama, Amaral & Com.º

COIMBRA — João Ribeiro Arrobas, Arco de Ivo, 12.º

QUANT. LILIO BRANCO — Pedro Augusto Pezosa.

BRANDES — Antonio Augusto Salgueiro

ELVAS — João Antonio dos Santos Sobrinho.

GOBACA — José Narciso da Costa.

PONTALEGUE — Domingos da Guerra Conde.

LEIRIA — Manuel Pereira Dias.

FIGUEIRA DA FOZ — Antonio Marques de Oliveira.

VIANNA DO CASTELLO — J. B. Domingues.

CORUÇA — José Pereira Cabral.

TAVIRA — José Maria dos Santos.

FARO — Maya & Trigoço.

### No Estrangeiro

PARIS — Xavier de Carvalho, Boulevard Clichy, 16.

## LORJÔ TAVARES

Como noticiámos, partiu, no Rio Amazonas, para o norte do Brasil, o nosso presado director e querido amigo, sr. Lorjô Tavares.

Segundo telegrama já recebido, sabemos que o nosso collega já chegou ao Pará, em excellenteste estado de saude, apesar de ter tido uma viagem bastante tempestuosa.

## O ABANDONO DO MOINHO

O conto do sr. Alberto Braga, que com este titulo publicamos neste numero, fez parte da collecção *Contos escolhidos*, publicados pela casa editora Livraria Gomes, n.º uma primorosa edição em 16, com illustrações do grande artista Casanova.

## SAUDADES DOS AÇORES

O *Brasil-Portugal* começa a publicar, no presente numero, uma serie de artigos acerca do archipelago dos Açores, que para a nossa Revista expressamente escreveu o nosso collaborador Alfredo Mesquita.

Os Açores não são já hoje tão pouco conhecidos de continentes e de estrangeiros como o eram ha vinte annos, porque a noticia das bellezas da sua Natureza magnificante e dos encantos de trato da sua população tem atraído a curiosidade de muitos viajantes, e desenvolvido consideravelmente a importancia das suas relações.

Neste momento, porém, um acontecimento desusado chama para os Açores as attentões geraes: os Reis de Portugal visitarão aquellas Ilhas no proximo mez de junho, e esta boa nova tem determinado nos povos açorianos manifestações de contentamento e de enthusiasmo, que são outras tantas promessas da affectuosa recepção que ali vão ter as pessoas dos Soberanos.

A empresa do *Brasil-Portugal* entendeu dever aproveitar esta boa oportunidade para publicar uma desenvolvida noticia acerca dos Açores e d'esse trabalho encarregou o seu collaborador Alfredo Mesquita, açoriano, que muito ama as suas ilhas, que muito bem as conhece, e que, por muito que d'ellas diga, nunca terá dito tanto quanto merecem que se diga d'ellas.

Alfredo Mesquita publicou recentemente um livro — *Cartas da Hollanda*, que é a continuação da serie de impressões de viagem que o seu auctor iniciou com as *Terras de Hespanha*, sob essa

Conselho d'Amigo...  
Os Vinhos de Adriano Ramos Pinto!



fôrma graciosa e ligeira de «Cartas a um amigo, que nunca saiu de Lisboa».

Este livro teve um acolhimento muito notável no nosso meio literário, e referindo-se a elle, escrevia ha poucos dias José Pereira de Sampaio, o eminente critico do *Brasil-Portugal*:

«Alfredo Mesquita é um escriptor elegante e facil do tipo folhetinista que em Portugal teve a sua maxima expressão em Julio Cesar Machado. Elle publica agora, em volume, uma serie de muito interessantes cartas acerca da Hollanda, seus paisagens, sua vida social.

Na nossa litteratura tinhamos já, acerca da Hollanda, o consideravel volume de Ramalho Ortigão, opulento pela factura, pois seu auctor se voltou em um dos mestres remodeladores mais completos da prosa portugueza no periodo contemporaneo.

Tanto se tem falado e tanto se tem escripto lá fóra acerca da Hollanda, que difficil é não repisar, não cahir no exagero, vendo pelos olhos alheios.

Uma das qualidades do livro de Alfredo Mesquita consiste na sinceridade da impressão, que se vê espontaneamente pessoal; a outra reside na graça de uma elocução clara, abundante, mas distincta...

### Saudades dos Açores

é o primeiro trabalho que sai da penna de Alfredo Mesquita, depois da publicação do seu ultimo livro.

As *Saudades dos Açores* são escriptas com a mesma pennr, embebida na mesma tinta, com que foram escriptas as *Cartas da Hollanda*.

## TAUROMACHIA

### Campo Pequeno

Em 24 de março inaugurou-se a época tauromachica em Portugal, com a primeira corrida do século xx, realisada na praça do Campo Pequeno.

Esta primeira corrida, sem ter resultado excellentissimo, foi contudo apreciavel, porque o gado de Emilio Infante da Camara, apesar de ser desegual para a lide, não se recusou a pelear, e proporcionou palmas aos auctores, que soberbamente dar-lhe a lide de cavalleiro.

Tomaram a seu cargo o torneio a cavallo os cavalleiros José Bento e Manuel Casimiro, que lutaram com corruptos de muito pé, e, para mais, mal intencionados e sabidos.

José Bento teve a lamentar por isso uns toques, não succedendo o mesmo a Manuel Casimiro, porque, dispondo de cavallo com maior sabida, andou sempre a galope.

O *espada*, que era Ricardo Torres (*Bombita Chico* ou *Bombita II*), é andaluz e como tal alegre, luzido no *trasteo*, e, como todos os seus contemporaneos, valente e decidido para os touros.

Bandarilhando o 5.º com alguns pares a *quiebro*, foi muito applaudido; e, encendo da capa, esteve mais firme e *tracando* ou *matando*, portou-se como artista, que, n'um pequeno espaço de tempo, tem progredido muito.

O seu bandarilheiro Enrique Alvarez (*Morrito*) collaborou no possível para o bom exito do trabalho do seu *maestrino*, e não elle tem um bom auxillar.

A gente de cá é que tem o progresso do carangueijo, porque não adenta um milimetro na sua fórma de bandarilhar, sempre evitada de vicios, que a maioria do nosso publico não comprehende e que por isso mesmo não corrige como deve com applausos... a revez.

Houve no entanto alguns pares de Francisco Saldanha e Torres Branco, e um a *sejro*, de Thomaz da Rocha, que satisfizeram os entendidos, mas isso na lide de 5 touros é muito pouco.

A corrida começou, com tempo nublado, ás 4 horas e 11 minutos, e acabou ás 5 horas e 27 minutos da tarde, cravando-se, durante este tempo, 21 farpas, 1 curto, 22 pares e 2 meios de bandarilhas. *Bombita II* por 20 vezes abriu o capote em *verónicas* movidas, e soltou 55 passes

de moleta, entrando a *volapié* em tres touros e deixando-lhes o competente simulacro.

Tambem executou dois *quebros* de *rodillas*, com grande arrojo e valentia.

O mesmo arrojo e valentia tiveram os forcados, que intervieram na corrida, e que antes de subjurgarem os touros, que lhes coube em sorte, soffreram as consequências da sua brutalidade, levando bordoads rija.

A corrida foi animada e movimentada, porque, tendo a empresa Batalha & C.º deliberado reformar, com o ordenado por inteiro, o antigo e decrepito director de corridas Manuel Botas, substituiu-o pelo entendido bandarilheiro Vicente Mendez (*Pescadero*), o que deu azo a que os *nacionalistas* protestassem ruidosamente contra tal substituição.

Ao apparecer na divisoria da *intelligencia* foi o novo director das corridas do Campo Pequeno rudemente hostilizado pelos *taes nacionalistas*, que, de bengala em punho e guelias abertas, berravam como possessos.

O *Pescadero* não se intimidou com isso, e, ordenando o começo da lide, dirigiu-a depois com

aquella competencia e criterio, que todos lhe conhecem e nós previmos. Principiu por não admitir que as rezes levassem mais de 3 a 4 palmos cada uma, o que é systema já de ha muito usado na ilha Terceira, e de seguro resultou, porque os animaes não sentindo muita lenha no cachapo, não andam tão molestados, e por isso mesmo dão muito mais logo.

Depois foi opportunissimo nos toques para a variação dos *tercios*, e ao recusar a licença pedida por Manuel Casimiro para collocar curtos, recebeu palmas de muitos, que antes o assobiavam e apuparam.

Seguiu depois a corrida até final sempre em discussão entre *aficionados*, que dividiram as suas opiniões. E, esta divisão de opiniões resultou que um espectador ficou com a cabeça aberta por uma bengalada, que outro lhe vibrou com todas as ganas.

Assim terminou a primeira corrida n'este *seculo*, constando-nos que a segunda será dada com o matador de touros *Algabeo*.

E. O. A.

## « O NOSSO JORNAL »

(A quinzena noticiosa)

### A questão das congregações religiosas

Resumimos o que se passou durante a segunda quinzena de março acerca d'esta momentosa questão que preoccupa todo o paiz.

O decreto do governo provocou immediato inquerito das autoridades dos districtos, acerca das casas religiosas estabelecidas nos seus concellos, e em alguns procedeu-se com uma actividade rara, de fórma que otto dias passados, o governo tinhá já na sua mão elementos valiosos para tomar sobre algúms d'elles decisão prompta. Foi o que fez. A medida que esses inqueritos foram e vão chegando ainda ao seu conhecimento, tem resolvido em conselho de ministros as providencias necessarias. Nesta conformidade foram já mandadas fechar as seguintes casas:

1.º — IRMãs DE MARIA REPARADORAS, mais conhecidas pelas *Seurs reparatrici*, installadas na capella das Mercês, e casa contigua, na rua Formosa, capella exactamente onde está, por irrisão do acaso, separado dos grandes de Pombal, e que hoje é ainda propriedade do seu descendente. Ali haviam essas Irmãs estabelecido um pequeno externo para educação de creanças, mas sem estatutos nem autorisacão legal. Apurou-se que ali havia Irmãs com votos. No dia seguinte á resolução do governo, a policia mandava fechar a capella e dois dias depois como as Irmãs se conservassem na casa contigua, foi esta tambem mandada fechar, sabindo ellas dali.

2.º — ASSOCIAÇÃO BENEFICENCIA MISSIONARIA E COLONISADORA DE MOÇAMBIQUE, estabelecida no extincto convento de S. Francisco de Paula, á Travessa das Amoreiras, tambem em Lisboa.

Ali foram encontrados varios frades com os habitos baldios, pertencentes á ordem dos Franciscanos, vivendo perfeita vida monastica. Formam-lhe cassados os respectivos estatutos, que determinavam a educação de missionarios para Moçambique, o que se não fizera. Fechou-se a igreja que voltou para a posse da fazenda nacional.

3.º — CASA DA RUA DA BOA VISTA, NO PORTO, onde estavam installados padres da Companhia de Jesus, em vida monastica, com uma superabundancia.

4.º — CASA DE RELIGIOSOS, JESUITAS, estabelecida na rua do Quelhas, em Lisboa, nas mesmas condições que a terceira.

5.º — INSTITUTO DOS FRANCISCANOS MISSIONARIOS DE MARIA, á rua do Patrocínio, em Lisboa, sem estatutos e fóra da lei, sem ter, até agora, apurado um missionario sequer.

6.º — CONVENTO DOS COCUEJAS, em Oliveira de Azeiteis, por se reconhecer destinado igualmente á vida monastica, com um collegio em más condições hygienicas, em que se presfessavam o noviciado.

7.º — COLLEGIO DE JESUS MARIA JOSÉ, em Torres Novas, pertencente á congregação de Santa Thereza, com alumnos externos e internos, sem estatutos, e com umas regras, ou formulario em castelhano. Depois de fechado, as creanças foram entregues ás familias, sahindo do concelho as dirigentes.

Estas são as medidas até agora tomadas, com energia e com prudencia.

Por outro lado o governo resolvido a cumprir sem hesitações o seu decreto, negou autorisacões para os comicios intra-reaccionarios, prohibiu conferencias liberas que chamando agglomeração de gente podiam excitar os animos, e mandava em Vizeu que se não consentissem na predicaes que certos missionarios estavam fazendo em Sinlhas. Jornais republicanos inseriram artigos chamando o povo á revolta eram confiscados e apprehendidos. Equivalente era um jornal reaccionario, do Porto, a *Palavra*, publicando artigos inconvenientes provocadores de represalias. Assim mostrou-se decidido a não consentir contra os abusos, mais do que a sua acção, crente para elles pôe cobro, e repallir contra outros abusos, que partiam dos que se dizem ultramontanos ou dos que se apregoam liberas.

Entretanto, a *União Liberal do Porto*, quebrando os dentes á calumnia, a procurar o bispo do Porto, que é o intelligente e antigo missionario padre Barroso, e depunha nas suas mãos um documento de alto valor, protestando os sentimentos religiosos de todos os que compõem a *Liga liberal*, e que longe de quererem levantar a questão religiosa, vinham declarar espontanea e muito dignamente, que não pôde haver em Portugal, luctas religiosas, porque todos os portuguezes professam a mesma religião, e que o seu fim é apenas combater o fanatismo, a intolerancia e a reacção.

Isto mesmo confirma a *Liga* n'um novo manifesto que acaba de dirigir ao paiz, e no qual transcreveu esta passagem da representacão, entregue ao chefe do Estado:

«Os protestos vibrantes da alma portugueza não se erguem contra a religião do Estado; levantam-se, sim, em nome da Lei, em nome das tradições liberas e em nome da defeza do lar domestico, contra o clero intruso, contra o estrangeiro invasor, contra o padre sem patria, oppressor das consciencias, profanador do santuario da familia e violador das leis do Paiz. Queremos uma igreja nacional, embora sujeita á autoridade espiritual do Summo Pontifice, servida por sacerdotes portuguezes, no coracão dos quaes tenham echo as desgraças das familias e as amarguras da Patria. Queremos que ensinem a religião do civismo e o santo amor por terra portugueza, onde nascemos e on-



# O CARTAZ DA QUINZENA



**D. Maria.**—A companhia lyrica já sahia de Lisboa, mas o theatro abriu as suas portas no sabbado, 21, para a festa artistica de Palmyra Bastos, e no sabbado 30 para o grande actor Valle. Ambas as a recitas foram concorridissimas e brilhantes.

**D. Maria.**—Está em ensaios a peça allemã de Oscar Blumenthal e Gustavo Kadelburg, *Os dois herões*, traducção de Lara Everard, peça que no Brasil tem sido representada com o titulo de *Europa e America*.

A distribuição é esta:

D. Maximo .....	Ferreira da Silva
Rodolpho .....	Fernando Maia
Thomaz Faustini .....	Josquim Costa
Aldo Merlotti .....	Carlos Santos
Berni .....	Francisco Santos
Lourenço .....	Pinto de Campo
João .....	F. Sampaio
Carlota .....	Adelina Santos
Mary .....	Cecilia Machado
Anna Stephenson .....	Augusta Cordeiro

—O *Tartufo* agora em scena representouse pela primeira vez em Versailles, na noite de 12 de maio de 1664. Tinha então 3 actos. A peça tal qual depois foi arranjada por Molière, data de 1667, com o titulo de *L'imposteur*.

**D. Amelia.**—A companhia Rosas & Brásio adiou a sua excursão a Madrid para a proxima época.

—Quando vier a companhia franceza que deve debutar em meados d'abril, irá então a companhia portugueza á Figueira, Porto e Coimbra.

**Trindade.**—Para 6 de abril está marcada a primeira representação da peça de grande espectáculo, em 3 actos e 16 quadros, *O bico do paguano*, cujos papeis foram distribuidos assim:

El-Rei Girasol 70 .....	Augusto
O principe Karalvar .....	Francisco Costa
Piparote .....	José Ricardo

de esperarmos morrer, aquellos que pregam a verdade em nome de Deus.

A representação foi deposta nas mãos do Chefe do Estado por uma grande commissão, vinda expressamente do Porto. Estava presente o Presidente do Conselho. O Presidente da commissão, que era o sr. Anthero de Araújo, cujo retrato hoje publicamos, leu-a, com voz firme; um outro cavalheiro do Porto, velho liberal e industrial importante, o sr. Marinho, pronunciou depois breves palavras, declarando que os liberaes confiavam no seu Rei, e Sua Magestade dignou-se dar verbalmente esta resposta, que, espalhada horas depois pelos que a ouviram, e reproduzida em todos os jornaes, levantara applausos da parte de todo o paiz: Disse o Chefe do Estado:

«Acabam de me recordar palavras que proferi no Porto, e que são a expressão do meu sentir.

Alcatraz, felleiteiro .....	Soares
O aio do rei .....	Fernandes
Martinino .....	Gomes
Braz .....	A. de Vasconcellos
Abul-Abul .....	Gomes
1.º campones .....	João Silva
2.º campones .....	Fernandes
O arauto .....	Silva
O tapeteiro-mór .....	Coimbra
Sylvano .....	Amelia Lopiccolo
A princeza Girasoldina .....	Lucinda do Carmo
Pimpinella .....	Isaura
Therеза .....	Estephania
Rosa .....	Cremilda
Zulemab .....	E. de Oliveira
Nadir .....	Estephania
Panka .....	Gloria
Um pagem .....	Hortense

Depois d'esta entra em ensaios, para beneficio da actriz Amelia Lopiccolo, a opereta em 3 actos, de Eugene Leterrier e Albert Vaulou, *A guardadora de ganhos*, traducção do escriptor brasileiro o sr. Arthur de Azevedo, com esta distribuição:

Campistral .....	José Ricardo
Faranador .....	Christiano Telmo
Mascadet .....	Gomes
Anselmo .....	Francisco Costa
Florida .....	Amelia Lopiccolo
Rosalina .....	Delphina Victor

Depois seguir-se-ha uma opereta portugueza, original do sr. Carlos Simões e André Bruno, *A fenda do latão*.

Em beneficio do empresario d'este theatro, Domingos Gouveia, representou-se pela primeira vez a opereta em 1 acto de D. José Rogel, hespanhol, *O ultimo figurino*, assim distribuido:

Fanny .....	Lucinda do Carmo
Roberto .....	Augusto
Faustino .....	Rosa Paes
Eduardo .....	José Ricardo

**Gymnasio.**—Para beneficio do ensaiador d'este theatro, Leopoldo de Carvalho, entrou em ensaios uma comedia em 4 actos original de Freitas Branco, que os leitores do *Brasil-Portugal* conhecem pelos artigos sobre o theatro de Iben ainda ha pouco aqui publicados. Eis a distribuição da *Empenhoca*:

Rodrigo Mangas, amanuense .....	Ignacio Sarmento
Bartholomeu, reporter .....	Ferreira
O conselheiro director geral das obras publicas .....	Ferreira
Firmino Pedrouço, capitão reformado .....	Marcelino Franco
Antonio Mangas .....	Annibal Pinheiro
Anselmo Gallisto .....	Alves
José da Horta .....	Cardoso
André Camello .....	Soller

Sim, póde o Porto contar commigo, assim como todo o paiz. Neste momento, que é grave, é preciso salvaguardar a religião do Estado, dando por uma forma sensata cumprimento ás leis pelas quaes todos temos de reger. Sou liberal por principios, por tradição e por educação e porque assim m'o ensinou meu pae. Vou recomendar esta causa ao meu governo. Não a recommendarei só; acompanhá-la-hei com particular attenção. Contem com isso.»

Pe-lo seu lado algumas pessoas dos mais grados do partido catholico reuniram-se no paço de S. Vicente, a convite do Patriarcha de Lisboa, para acudirem em reclamar dos altos poderes do Estado, uma nova lei sobre as congregações, visto as que estão em vigor, não previrem muitos dos casos e serem inapplicaveis a outros.

Alfredo Pimenta .....	Antonio de Sousa
Um chefe de policia .....	Sousa
1.ª policia secreto .....	Guedes
2.ª policia secreto .....	Pereira
Um moço .....	Almeida
Um empregado do camanho de ferro .....	Guedes
Therеза Mangas .....	Brandão
Maria .....	Barbara
A tia Rosa .....	Palmyra Torres
Joanna .....	Adelia Soller
	Palmyra Ferreira

Tambem está em ensaios um outro original em 1 acto, do sr. Xavier Marques, *A conquistada de Napoleão*.

Napoleão .....	Cardoso
Alvaro .....	Annibal Pinheiro
Adão .....	Alves
Sabina .....	Isabel Berardy
Julietta .....	Palmyra Torres
Eufemia .....	Sophia Santos

—Ainda esta época se representará um original de Marcelino de Mesquita, uma comedia em 3 actos intitulada *Sinks*.

**Avenida.**—Já entrou em ensaios a *Girofle-Girofle*, que ha muitos annos se cantou na Trindade, sendo então o principal papel desempenhado pela fallecida actriz Florida, que agora é feito por Palmyra Bastos.

Entretanto, as representações do *Talvez te escores*... continuam com exito crescente e copias novas.

**Rua dos Condes.**—Já vai das 60 para as 70 representações o *Niceli*... de Eduardo Schwalbach, que promete já para o seu centenario grandes novidades.

**Principe Real.**—Reabre no dia 6 com o *Segredo da Morgada*, por uma companhia portueza, da qual fazem parte Accacia Reis, Luzia d'Oliveira, Luz Velloso, Maria da Luz, Maria Christina, Marianna Silva, e Oliveira, Duarte Silva, Mesquita, Neves, Fonseca, Holtremar, Barros, Hypolito Costa; ponto Luz Reis; contraregra Moscati e maestro Symaria.

Reportorio: opera comica *Segredo da Morgada*, magicas *Com tit Diamantes* e *Felleiteira de Bronze*; dramas *Ti Providencia*, *Mãe dos Infeleizes*, *Domador de Feras*, *Tomada da Bastilha*; revista *Seculo das Luzes*, *Brasileiro Pancraco*, *Zaragueta*, etc., etc.

**Colyseu dos Recreios.**—Estreia-se a 6 d'este mez a nova companhia lyrica contractada pelo empresario Santos Junior, para fazer a época de verão.

Hontem houve ali um sarau excepcional dado pelo Gymnasio Club do Porto.

A essa reunião assentiram quatro pares do reino, varios titulares, um só deputado, o actual Deão da Sé, e um outro sacerdote, que foi depellido tambem uma vez. Discutiuse muito, porque uns entendiam que se devia levantar no Parlamento a questão, e outros que só se devia representar ao Chefe do Estado. ¶ Um vim venceram estes ultimos.

O sacerdote dr. Ribeiro Coelho, declarou que se não receava da lucta, porque o paiz era todo catholico, mas se ella surgisse e se tivesse com ahenosia a separação da igreja e do Estado, isso daria magnificos resultados para a religião, como aconteceu no Brasil.

A reunião não assistiram os bispos das dioceses, que, frequentando em geral as sessões da camera alta, se tem abalizado agora de lá ir.

Mas agora como consequencia da resolução tomada n'essa reunião, apparece a representação impressa e enviada a todos os parochos com



esta nota, especie de despacho do Patriarchado:

«Por ordem de Sua Eminencia, para anagiar assignaturas, em papel imperial, com brevidade. — O secretario, (a) *Monsenhor SA Pereira*».

Contra esta formula é que se revoltam algumas pessoas. Com effeito, o Patriarchado sabe já um pouco dos limites, não só do bom senso, mas dos seus direitos, e bem fez o governo, ao que se diz, de o convencer a resignar-se.

De resto se alguns dos parochos cumprirão com o denodo, para serem agraciados com seu chefe, a ordem acima, outros, sabe-se já que não farão caso d'ella.

Representem, mas represente só quem quer, e não quem é forçado por imposições a fazel-o. Depois são estes exageros que provocam represalias condemnaveis, mas ao mesmo tempo explicaveis.

As manifestações serenaram e nos ultimos dias apenas ha a registrar uma unica em Setubal, mas essa de tristissimas consequencias.

Na segunda feira, 25, dia santificado, um grupo numeroso de populares, predominando operarios e pescadores, appareceu ás 7 horas da noite nas ruas de Setubal dando vivas á liberdade. O administrador prevenido tentou dispersal-o, mas o grupo mudando de rumo dirigiu-se por outro caminho á egreja do Coração de Jesus, que a essa hora estava cheia de feis, e apedrejou-a, partindo todos os vidros. Acudiu a policia, que fez logo fechar a porta principal, evacuando depois a egreja pelas portas lateraes. O administrador requisitou o auxilio de uma força de cavallaria que para aquella cidade havia partido, dois dias antes, pois já se esperavam serios acontecimentos. Quando appareceu a força, o commandante, que o Alferes Lima, foi ferido na face esquerda por uma pedra, ouvindo-se um tiro que lhe não acertou. Então, depois d'esta aggressão, mandando fazer os toques do estylo, o official, com a cara enanguentada mas sempre a cavallo, deu voz de fogo. Dos populares alguns fugiram, mas os mais destemidos en-trinchearam-se nas arvores. Foram feridas oito pessoas, e presas a cadeia os outros reclusos a bordo da canhoneira *D. Luiz*, ali em serviço. No dia seguinte, a autoridade não deixou abrir a egreja, e não permitiu que se dissesse missa.

O ferimento do alferes que era grande foi co-sido a pontos naturaes, e dos outros feridos, tres estavam em estado grave. No dia seguinte morria um d'estes, o pescador João Lisboa, natural de Alvor, no Algarve, casado e com tres filhos.

Esta a parte tragica dos acontecimentos. Interpellado na camera, o presidente do conselho lamentou o acontecido, declarando ter mandado já proceder a um inquerito rigoroso, mas que a cavallaria desfechára contra os manifestantes, em legitima defeza, visto que o primeiro tiro partiu d'elles, quando já tinham ferido com uma pedra o commandante.

É claro que os jornaes politicos combatem o governo a propósito d'este facto. Mas como as censuras partem dos radicades dos reaccionarios, ao mesmo tempo, como nem uns nem outros se mostram satisfeitos, provado fica que o governo tem cumprido o seu dever.

E cumpri-lo ha até ao fim se quizer que a grande maioria liberal do paiz o acompanhe

#### A embaixada ingleza

Chegou no dia 28 a Lisboa, a embaixada especial encarregada pelo Rei de Inglaterra de participar ao Rei de Portugal e ao seu governo, a sua ascensão ao throno. Lord Carrington é o chefe da missão. Antigo capitão das guardas reaes e companheiro do então Principe de Gales na sua viagem de 1877, á India, occupo o primeiro cargo na corte inglesa, o de Lord e cantaria mór da coroa, mas só exerce esse cargo quando é á no poder o partido liberal. Acompanham-o

Henry Ulick Lascelles, 5.º conde de Harewood e visconde d'Annis, antigo capitão de granadeiros, que foi ajudante de campo do rei Victorica, e fez parte da missão especial do conde Rossien, quando em 1878 representou a rainha de Inglaterra no casamento do rei Alfonso xn, de Hespanha;

Wynne Finch, major do Royal Horse Guards e um dos mais intimos amigos do actual rei de Inglaterra;

Dudley Mosgoribanks, filho do velho lord Svesmouth, que foi no ministerio predilido por mais de 10 annos de Rosebery, chancelier do ducado de Lancaster; e

Gerald Spice, um dos mais notaveis redactores do *Foreign Office*, secretario da missão.

Os embaixadores eram esperados na gare pelo chefe do gabinete do ministro dos estrangeiros, pelo conde de S. Lourenço, o conde mais novo, que foi o seu introdutor no Paço; o marquez de Pombal, o nosso ministro em Londres, agora em Lisboa; o ministro e pessoal da legação inglesa; e tenente coronel Carlos do Bocage official nomeado ás ordens de Lord Carrington. Todos os recém chegados vestiam as suas fardas.

Depois dos cumprimentos, o cortejo poz-se em marcha para o hotel *Avenida Palace*, onde se alojaram. Lam na frente 2 batelões de cavallaria; um pelotão commandado por um alferes, carreguem com o pessoal da embaixada, outra com o embaixador acompanhado do conde introdutor e do official portuguez Bocage. A' estribeteira, um capitão de cavallaria com dois pelotes. A' porta do hotel fazia a guarda de honra um regimento de infantaria.

A embaixada occupa 8 dos principaes aposentos do luxuoso hotel. Logo que este chegou, o secretario da legação inglesa dirigiu-se ao ministerio dos estrangeiros solicitando uma audiencia para o embaixador, que ficou marcada para o dia seguinte á 1 hora

N'essa noite, o marquez de Seoveral, ministro portuguez em Londres, offereceu-lhe um jantar no hotel Bragança.

No dia 29, o conselheiro João Arroyo recebeu a embaixada, conversando demoradamente com Lord Carrington, a quem foi pagar a visita ás 5 horas da tarde. A' noite houve jantar na legação inglesa, para o qual foram convidados o ministro dos estrangeiros e o presidente do conselho, além de alguns altos dignitarios do Paço.

No dia 29, a embaixada foi recebida pelo Chefe do Estado, sendo conduzido até ao Paço, em coches da casa real e acompanhada por uma força de cavallaria. A' noite houve jantar no Paço da Ajuda, ao qual assistiram o pessoal da legação inglesa, todos os ministros, e os officiaes móres e damas da Rainha.

#### Os emigrados boers

O vapor *Benquella* conduzindo um grupo de boers que veem acolher-se á hospitalidade dos portuguezes, entrou na manhã de 28, com 30 dias exactos de viagem. Veem ao todo 709 boers, dos quaes alojados em 1.ª classe 23, em 2.ª, 266 em 3.ª, 638.

Até S. Thingo a viagem fez-se sem novidade, mas poucos dias depois de largar d'este porto, morreu um passageiro de 3.ª classe e com pequeno intervalo mais quatro, victimas todas de febres palustres, complicada com alcoolismo. A cerimonia do lançamento ao mar dos cadaveres revestiu toda a impoençia. Os boers formaram na coberta do vapor e depois de sua breve oração, os cadaveres foram lançados ao mar, envolvidos em lençoes e com ballas amarradas aos pés.

Quando o *Benquella* entrou, a multidão pela margem esquerda do rio era enorme sobretudo em Alcantara onde se sabia elles deviam desembarcar. A bordo os emigrados conservavam-se na amurada gosando o bello espectáculo da cidade. Não sabiam que destino lhes dava o governo, mas logo que a ordem chegou no commandante do commandante Mostert, este commandante transalvano em menos de meia hora tinha formado a sua gente e feizo selecção entre os que deviam seguir para Alcobaca e os que deviam ir para Peniche. Para ali foram 360 dirigidos pelo commandante Grobler e para o ultimo ponto 389, sob o commando de Van-der-Berg, ex-commandante da policia de Johannesburg, os primeiros teem como interprete o boer Duplenda que conhece o portuguez por ter sido creado no plan'tal de Mossamedes, e os segundos o mestre escola do Transval, Bruyn, que falla muito bem o francez.

O commandante Mostert foi para Abrantes, com um interprete, um secretario hollandaz que falla o francez. Para Thingo foi o general Pienaar, com toda a sua familia, e os filhos, e alguns sobrinhos, e o commandante Naudé, com mulher e dois filhos. Só Mostert é que é rico.

Dois comboios expressos esperavam-os em Alcantara. Ao seu embarque o povo que ali se aglo-

merava festejou-os ruidosamente, levantando vivas á partida, o que os boers agradeceram tirando os seus largos chapéus desabados.

Entre os emigrados veem tres portuguezes que tomaram parte na guerra: Manoel Ribaçal, de 37 annos, solteiro, natural de Matra Lobos, em Castello Rodrigo, e filho de Antonio Ribaçal e Antonia Rita; Antonio Monteiro, de 34 annos, filho de Antonio Joaquin e Maria Soares, tambem natural do mesmo concelho; e o ultimo, José Pecheiro, de 40 annos, natural de Villa Viçosa e filho de Alexandre Manoel Gomes Pereira e de Feliciano de Jesus.

Veem tambem um emigrado de 16 annos, de nome Cnaartens, que fez prodigios de pontaria durante a guerra.

Emquanto estes emigrados seguem os seus destinos, 60 outros que chegaram doentes eram conduzidos em carros de ambulancia e os mais graves em macas de rodas para o Hospital da Estrela, onde apenas ficaram 60, porque 10, apenas ligeiramente incommodados foram mudados para o quartel de infantaria 16.

Entre os mais gravemente doentes, acha-se o interprete hollandaz Ade Yong Junior. Um outro, allemão, Richard Ruapp está doido. Vestiram-o com o collete de forças, e deitaram-o amarrado na cama.

Em Thomar, Abrantes, Alcobaca e Peniche, a gente do povo fez-lhes recepção entusiastica.

#### O Principe Real

Completo, a 21 de março, 14 annos o Principe Real, que entrou na idade legal, marcada pela Constituição, para herdeiro presuntivo da Coroa.

Houve recepção no paço d'Ajuda, que esteve com corridissima, mas a que Sua Alteza não assistiu por não ter ainda prestado juramento perante as Côrtes, o que só fará em sessão solemne, depois de 20 de abril.

O jantar, n'esse dia, foi intimo, e á noite o Principe esteve, pela primeira vez, com seus paes, no theatro de S. Carlos, onde houve, com o luzimento habitual, recita de gala.

No quartel de infantaria do Porto, regimento de que o Principe é sargento honorario, houve, n'esse dia e noite, varias festas. O rancho foi sensivelmente melhorado, as praças só recolheram ás 11 horas da noite, houve musica na parada do regimento, e, ás duas horas da tarde, visitou o quartel o general da divisão, ao qual a officialidade offereceu uma taça de Cham pagne, havendo varios brindes ao Rei, Principe, ministro da guerra e officiaes.

Quando prestar juramento, depois da cerimonia nas Côrtes, haverá *Te-Deum* na cathedra da Sé.

#### El-Rei

O chefe do Estado esteve uns dias com o Principe Real e comitiva na sua propriedade do Vidigal, no Alemtejo.

#### Infante D. Alfonso

Ao regressar de Nice, foi atacado pelo rheumatismo o sr. infante D. Alfonso, que tem estado sem sahir. O seu estado no entanto é satisfatorio.

#### Ministro do Japão

O novo ministro do Japão Mr. Shitze Akabane, acreditado junto ás côrtes de Madrid e Lisboa, foi recebido em audiencia por El-Rei, a quem entregou as credenciaes. A sede da legação japonesa é na capital hespanhola, mas o illustre diplomata conta vir frequentes vezes a esta cidade, demorando-se mesmo alguns dias, pois tem a peito estreitar, quanto mais possivel, as relações do seu paiz com as duas nações da peninsula.

S. Ex.ª já retirou para Hespanha.

#### Meningite-cerebro-espinhal

Esta doença, que tem apparecido com forma epidemica, está atacado bastante gente na provincia. Em Lisboa e Porto, por ora, os casos não passam de meia duzia.

A principio o publico foi alarmado pela doença, mas em breve esse alarmismo, vendo que os casos factos eram rarissimos.



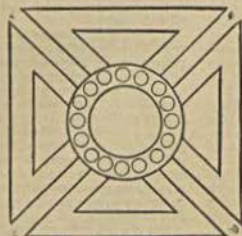




# Fabrica S. Gonçalo

E. DE ANDRADE & C.<sup>ª</sup>

Chumbo  
de  
caça



Chumbo  
de  
caça

QUALIDADE SUPERIOR

Dureza  
Perfeição  
Egualdade

O MELHOR QUE EXISTE NO MERCADO

Vendas por grosso e a varejo

Pedidos: CAIXA POSTAL 735 Ender. telegr. SATURNO — RIO

18, R. de S. Pedro, 18

RIO DE JANEIRO

## Regulador da Madre, Beirão

Approvado pela Illustrada Inspectoria de hygiene do Pará

*Para doenças proprias das senhoras. Regularisa os fluxos mensaes, quando escassos ou excessivos e allivia as penosas dôres, que quasi sempre os acompanham. Recomenda-se tambem como excellente calmante nos accessos nervosos e hystericos que frequentemente procedem os acompanham os periodos mensaes.*

DEPOSITO

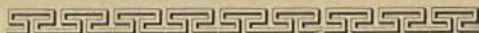
### DROGARIA BEIRÃO

DE

CARVALHO LEITE & C.<sup>ª</sup>

103—Rua do Conselheiro João Alfredo—103

PARÁ



## Agencia Financial

DE  
**PORTUGAL**

R 1a General Camara—RIO DE JANEIRO

SOBRE-LOJA DO EDIFICIO

DA

Associação Commercial do Rio de Janeiro

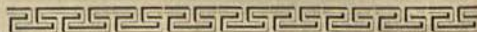
Continua aberto o pagamento de juros da divida publica portugueza, fundada e amortisavel nos termos da legislacão vigente, e bem assim a emissão de

### Saques sobre Portugal

pagaveis pelo BANCO DE PORTUGAL (CAIXA GERAL DO TESOIRO PORTUGUEZ) em todas as capitais de districto e sedes dos concelhos do reino e ilhas adjacentes

### O agente Financeiro

ALFREDO BARBOSA DOS SANTOS.



## Vinho VENTURA

O vinho VENTURA é expressamente preparado no PORTO

PARA

### Montenegro Ferreira & C.<sup>ª</sup>

Succesores da antiga casa

RICARDO JOSÉ DA CRUZ & C.<sup>ª</sup>

Fundada em 1820, e que tem a sua sede no

PARÁ, Boulevard da Republica, 44

FILIAL EM MANÁOS

TONIFICA, NUTRE E REFRIGERA

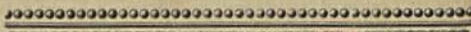
Só os vinhedos de Alto Douro produzem a uva abençoada de que se extrae o Vinho Ventura, o unico que, com vantagem incontestavel, se applica no tratamento das anemias rebeldes e do lymphatismo, nas coavalencias, nas digestões difficis, enfraquecimentos, etc.

Como tonico está hoje reconhecida a efficacia do

Vinho VENTURA

CASA AVIADORA

Commissões e Consignações





## VINHOS DO PORTO

Marca registrada

Santos J.º

Porto

Casa fundada

em 1872

Premiada  
com os  
primeiros  
premios em todas  
as exposições.

R. Pinto Santos Junior & Comp.ª

Libreria moderna PEREIRA & SILVA  
PARA — R. Cons.º João Alfredo, 23  
Letturea amena  
Sortimento completo de livros de  
litteratura, direito, instrucção, etc  
PRETENCAS DE ESCRITORIO  
Preços sem competencia  
Endereço telegraphico Moderna

Dr. Oscar Leal. — Especialista em doenças da bocca, collocação de dentes e correção das deformidades nasaeas. Consultorio de 1.ª ordem á  
RUA DO CARMO, 35, 1.º  
(CHIADO)

MAISON NOUVELLE



MAISON NOUVELLE

Modas e Confeccões

Com atelier de vestidos e alfayate

ANTONIO RODRIGUES CHAMUSCO

Rua do Carmo, 68 a 72 — Quina das escadinhas de Santa Justa

Castro Matta &amp; Irmão

CASA IMPORTADORA

Commissões e Consignaões

Especialidade em vinhos e azeites  
Portuguezes

ENDER. TELEGR. AIDA.

C. do Corredo 212

R. 15 de Novembro, 16

PARÁ



JOÃO BASTOS & C.ª  
COMMISSÕES E CONSIGNAÇÕES

LISBOA — Rua da Prata, 14, 1.º

Atelier-Photo-Chimico-Graphico

P. MARINHO &amp; C.ª — Rua de S. Paulo, 216, 2.ª — LISBOA

NUMERO TELEPHONICO 829

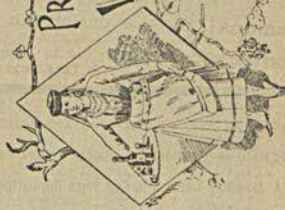
Trabalhos em todo o genero de gravura, autotypia, zincographia, chromotypia, etc. Especialidade em photogravuras. Os preços mais baratos do  
paiz, em todos os trabalhos.

Execução perfeita.

PROVAE OS DELICIOSOS  
VINHOS DO PORTO

DE

Constapim de Almeida



COMPANHIA

PHENIX PERNAMBUCANA

(SEGUROS MARITIMOS E TERRESTRES)

FUNDADA EM 1870

Dr. Manoel Gomes Matta  
DIRECTORIA Joaquim Dias Fernandes  
Luiz Duprat

SÉDE: RECIFE — RUA DO COMMERCIO, 46

PERNAMBUCO

LA UNION Y EL PHENIX ESPAÑOL  
Capital social 2.000.000.000 rs.  
15.000.000.000 réis  
De dividendos pagos desde 1864 até 1905  
PREMIOS E RESERVAS 2.925.000.000  
Seguros contra incendio, exploração de gas  
ou raios

Equator Atlantico & Union Maritimo  
Companhias fransesmas contra os riscos maritimos e  
de transportes de qualquer natureza.

DIRECTORES — Lima Meyer & Filhos  
LISBOA — Rua da Prata, 80, 2.ª

HOTEL DURAND

English Hotel — Lisboa

7, Rua das Flores — Largo do Quinella

Este hotel, situado na parte mais central da cidade, offerece todos os confortos de uma casa de primeira classe.

LA BÉCARRE

F. CARNEIRO &amp; C.ª

PAPELARIA E TYPOGRAPHIA

Grande sortimento de papeis nacionaes e estrangeiros. Artigos para pintura. Pertencem ao escriptorio. Objectos artisticos para brindes. Trabalhos typographicos em todos os generos.

Rua Nova do Almada, 47 e 49 — LISBOA.





FABRICA: Rua de S. Christovão N° 129

DEPOSITO E ESCRITORIO: Rua da Constituição, N° 3  
TELEPHONE N° 185

trabalhos da sua especialidade, sob desenhos e medidas, com a maior perfeição, elegancia e solidez; encarregando-se tambem de remetter para os Estados as encomendas acondicionadas com todas as cautellas.

A fabrica, bem como os seus depositos, são francos ao publico a quem convidamos a visitar para julgar com acerto dos progressos que a mesma tem alcançado na industria de marcenaria; ficando d'este modo os srs. consumidores, pelo aperfeiçoamento que os artefactos revelam, habilitados a julgar com segurança e que melhor lhes convenha antes de se munirem de moveis de outra procedencia.

N'ESTA grande e acreditada fabrica encontra-se uma collecção a mais completa e variada de moveis solidos e elegantemente construidos, das mais bellas e preciosas madeiras do paiz.

A fabrica, que sem contestação é uma das primeiras do nosso paiz, n'este genero encarrega-se da factura de mobílias completas; moveis avulsos ou quaesquer outros

## HOTEL BRAGANÇA

Rua Entreparedes, 61. PORTO

Completamente restaurado e mobilado. Tratamento de primeira ordem, dispo de 80 quartos independentes, com janellas, muito confortaveis e hygienicos.

O Hotel Bragança, pela sua situação na cidade do Porto é o unico que convem aos viajantes com familias.

Pensão diaria 1:000 réis comprehendendo alimentação e vinho

O actual proprietario e gerente J. F. Marreiros convida todos os viajantes a installar-se no

## HOTEL BRAGANÇA

Endereço telegraphico **MAREIRO**

52525252525252+52525252525252

### CANDIEIROS

Em todos os generos  
Ganalisções para agua e gar

Tubos de chumbo,  
borracha, lona, latão e ferro.  
Louca de ferro esmaltado.  
Retretes de varios systemas  
Objectos  
proprios para brindes

Casa José d'Oliveira

21, 22, L. S. DOMINGOS, 23, 24

LISBOA

25252525252525+25252525252525

### AGENCIA CENTRAL

DE

**JOSÉ LOPES PEREIRA**

Agente de leilões

Encarrega-se de vendas em leilão, de predios, titulos das dividas publicas, geras e do Estado, terrenos, acções de Bancos e Companhias, Cambiase, Hypothecas, etc., etc.; assim como recebe ordens para fazer leilões em casas commerciaes, particulares e em sua agencia

à Rua 13 de Maio, 71. PARÁ

(CANTO DA TRAVESSA CAMPOS SALLES)

Telephone n.º 340

## V.ª WENCESLAU GUIMARÃES & C.ª

Commissões e Consignações

IMPORTADORES DE VINHOS

Telegrammas

Wenceslau R o

Caixa do correio

N.º 272

R. General Camara, 17

RIO DE JANEIRO



Casa Fundada em 1886

**JOSÉ MENDES LEITE & C<sup>a</sup>**

DEPOSITO DE INSTRUMENTOS DE MUSICA

18, Rua 15 de Novembro, 18

Instrumentos de Musica

ou

Accessorios para os mesmos

NO GENERO

UNICA CASA DE CONFIANÇA

Especialidade  
em cordões para violão,  
rabecas e violas

Endereço telegraphico

«Mendes»

Caixa no correio

N.º 444



Registrada por despacho da Marcellissima Junta Commercial de 6 de Maio de 1897 sob o n.º 10.

Este estabelecimento, que é, no seu genero, o primeiro de todo o Estado do Pará e do Norte do Brasil, importa directamente todos os instrumentos de musica, de metal e de madeira, e encarega-se de quaesquer encomendas.

O seu proprietario, José Mendes Leite, garante a qualidade, a solidez, perfeição e afinação normal de todos os instrumentos. Dirigir todos os pedidos a

**José Mendes Leite & C<sup>a</sup>**

Rua 15 de Novembro, n.º 18

PARA











# ANTONIO DO COUTO

ALFAYATE

Recebe e satisfaz encomendas para o Brasil e Africa com grande desconto

→ Sempre as ultimas novidades ←

RUA DO ALECRIM 111, 1.º

LISBOA

Premiado na Exposição Universal de Paris de 1900. Variado sortimento de fazendas de lã e seda proprias para todas as estações.

## BANCO DA PROVINCIA DO RIO GRANDE DO SUL



Fundado em 1858 em Porto Alegre, Capital do E. do Rio Grande do Sul  
CAPITAL SUBSCRITO 5.000.000\$000

Capital realiado..... 2.600.000\$000  
Fundo de reserva, em 30 de Junho 1899. 4.100.000\$000  
Lucros suspensos e especies, idem..... 1.200.000\$000

Faz todas as operações bancarias, inclusive cambiais, em sua sede e nas suas filiaes estabelecidas nas praças do Rio Grande e Pelotas, com os seus correspondentes em todas as praças da Confederação dos Estados Unidos do Brasil, do Prata e com os Paizes d'Europa e America.

### Directores

A. R. Torres, Manoel Corvelho da Costa, João Custoso Pinto

## MANTEIGA BURNAY

Aviso aos entendedores e ás donas de casas

Para fazer boa cozinha  
é preciso  
boa manteiga pura

USE

MANTEIGA BURNAY

À venda  
em todas as principais  
mercearias  
de Lisboa

AGENTE GERAL

João Bastos Junior



235, Rua dos Fanqueiros — LISBOA

### DEPOSITARIOS EXCLUSIVOS

João Luiz Fernandes & C.\* — Rua da Prata, 282 a 288, Lisboa.  
Jeronymo Martins & Filhos — Rua Garrett, 13 e 15, Lisboa.  
José Affonso Vianna — Largo do Camões, 33 e 34, Lisboa.  
R. D. de Campos — Rua da Prata, 187 a 191, Lisboa.  
Alves Diniz, Irmãos & C.\* — Rua de S. Julião, 92 a 106, Lisboa.  
Sebastião Correia Saraiva Lima — Rua de S. Paulo, 121 e 123, Lisboa.

## Ao Bazar da Industria

TAVEIRA BARBOZA & C.º

L. CONSELHEIRO JOÃO ALFREDO, 42 — Caixa Postal n.º 497 — BRASIL — PARA

Completo sortimento de artigos para escriptorio, papeleria, livros em bruno, chapéus, harmonios, cordas para violão. Escalões, Caixas de musica, roupas feitas, perfumarias, bello vendas. Camisa de viagem, binoculos, artigos para presentas.

GRAND BAYON DE MIUDEKAS

O systema de vender tudo sem pecco leuro é abecido no Bazar da Industria

Vendas por ataoado e a retalho



CESAR A. PAIVA

CIRURGIAO DENTISTA

SUAS Magestades e Altezas

CONSULTORIO

R. do Arsenal, 100, 1.º

LISBOA

Typographia da Papeleria  
ESTEVÃO NUNES & FILHOS

R. AUREA, 58

Trabalhos typographicos  
em todos os generos

## BRASIL-PORTUGAL

REVISTA QUINZENAL ILLUSTRADA

Grande redução no preço da assignatura

## ALMANACH ILLUSTRADO DO "BRASIL-PORTUGAL"

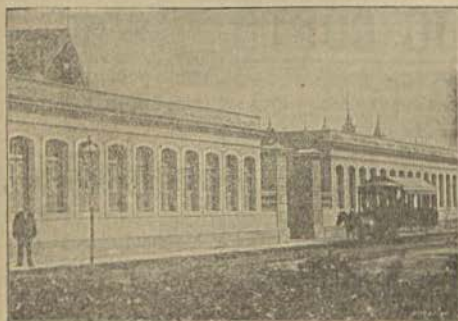
À venda o almanach para 1901

Em preparação:

## ALMANACH PARA 1902

Acceptam-se desde já annuncios





## PERNAMBUCO PENSÃO DERBY

Hotel instalado com todo o conforto moderno n'um dos pontos mais pittorescos e saudáveis de Pernambuco.

60 salas e quartos. Salão de visitas e de leitura. Banhos em todos os andares. Luz electrica. Cozinha superior e vinhos escolhidos. Grande salão de bilhares. Jogo da bola. Botes para passeio, etc., etc.

PREÇOS MODICOS

GERENTE — ISAAC ALVAREZ Y RODRIGUEZ

Endereço telegraphico-DERBY. Caixa de correio n.º 183. O Bond do Derby passa á porta de Pensão.

### Companhia Geral de Credito Predial Portuguez

LISBOA — L. de Santo Antonio da Sé, 19

Empréstimos hypothecarios: em obrigações predias a longo prazo — juro de 4, 4 1/2, 5 e 6 1/2 de 10 e 60 annos. Empréstimos em conta corrente: a juro de 5 1/2 e commissão de 1/4 de 1 a 5 annos. Depósitos accitam-se a prazo ou á ordem, vencendo a 1/4 á ordem e 3 1/2 ao prazo de 3 mezes; 3 1/2 a 6 e 4 1/2 ao anno. Propriedades: a Companhia tem suas propriedades no reino e nas ilhas que vende á prompta ou a prazo. Agencias: nos districtos e nas ilhas. No Porto está instalada uma delegação que resolve com a maior rapidez qualquer das operações da Companhia.



ALBINO JOSÉ BAPTISTA — LISBOA — O 92 da Rua Nova do Almada tem sempre grande sortimento de chapaus para sol ou chuva, em todas as qualidades, assim como bengalas, leques, perfumarijs e artigos de novidade. Esta casa é a primeira no seu genero em servir bem e por pouco dinheiro. Nenhum viajante deve deixar de visitar este estabelemento.

### VINHOS VELHOS

### LEGITIMOS DO PORTO

Premiados nas exposições

Londres, 1862; Boston, 1863 e Bahia 1867 e 1871

ANTIGA CASA

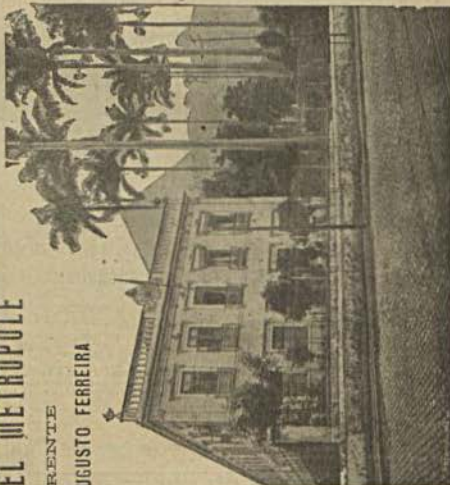
### PORTO João Eduardo dos Santos REGISTRADA

MARCA DE COMMERCIO

Os vinhos com o nome de minha casa só devem

ser considerados genuinos e authenticos, quando tiverem nos rotulos, capsulas, rolhas, caixas ou cascos, a marca de commercio registrada de que uso.

A VENDA EM TODAS AS CASAS DE PRIMEIRA ORDEM  
JOÃO EDUARDO DOS SANTOS JUNIOR — Porto



GRANDE HOTEL METROPOLE

GERENTE

CANDIDO AUGUSTO FERREIRA

MAIOR da capital, construído de accordo com o clima do paiz e situado nas faldas do Corcovado.

Possue todas as condições hygienicas e as mais confortaveis salas e aposentos para familias e cavalheiros.

181, Rua das Laranjeiras, 181

FIG. DE JARDEIG

### ENCYCLOPEDIA PORTUGUEZA ILLUSTRADA

Ache-se publicado o 1.º volume. Diz-se em todo o Brasil (moeda brasileira) broch. 35\$000 réis, enc. 40\$000 réis. Assignatura permanente. — Publicação de uma enciclopedia mensal ao preço de 3\$000 réis franco de porte.

EDITORES: LEMOS & C. successores

Largo de S. Domingos, 63, — PORTO

AGENTES NO RIO DE JANEIRO

A. Mascarenhas & C. — Rua da Quitanda, 38

Agente geral no Brasil: Luiz Guedes d'Amorim

CAPITAL DO ESTADO DE COYAZ

### DICCIONARIO UNIVERSAL publicado sob a direcção de MAXIMIANO LEMOS

Leito da Escola Medica Gregaria do Porto

Com a collaboração efectiva de dr. Adriano Anthero de Sousa Pinto, Alberto de Aguiar, A. A. Ferreira de Carvalho, A. J. Fezeta da Silva, D. Antonio Barroso, A. A. Costa Ferreira, Bento Carquejo, cons. Bernardino Machado, Clemente Pinto, Domingos Correia, Domingos Ramos, Ezequiel Sequeira, Ernesto Maib, Firmino Pereira, Francisco Antonio Pinto, cons. Francisco da Paula Gá, Francisco de Azevedo, Francisco Ribeiro Nobre, Henrique Carvalho d'Assumpção, Jayme de Faria, Jayme Filizoto, dr. João Paiva, Joaquim A. Cambeses, José Candido Correia, J. N. Raposo Botelho, José Nunes Gonçalves, José Pereira de Sampaio (Bruno), dr. Julio Henriques, Julio Portella, Luiz Viegas, M. d'Oliveira Ramos, Nuno Queiroz, Paulo Marcelino Dias Freitas, dr. Ricardo Jorge, dr. Roberto Frias, Simas Machado, Theophilo Braga, Valentin de Magalhães, cons. Wenceslau de Lima.